

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

PRISCILLA ANDRADE DA SILVA CAMILO

O LUGAR DO SAGRADO NA CLÍNICA PSICOLÓGICA

São Paulo

2014

PRISCILLA ANDRADE DA SILVA CAMILO

O LUGAR DO SAGRADO NA CLÍNICA PSICOLÓGICA

Dissertação de Mestrado apresentado ao
Programa de Ciências da Religião da
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Orientador: Prof. Dr. Antônio Máspoli de Araújo Gomes

São Paulo

2014

C183L Camilo, Priscilla Andrade da Silva

O lugar do sagrado na clínica psicológica /Priscilla Andrade da
Silva Camilo – 2014.

74f. : il. 30 cm

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade
Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Máspoli de Araújo Gomes

Bibliografia: f. 61-65

1. Espiritualidade 2. Religiosidade 3. Psicologia clínica I. Título

LC BF173

PRISCILLA ANDRADE DA SILVA CAMILO

O LUGAR DO SAGRADO NA CLÍNICA PSICOLÓGICA

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Religião da Universidade
Presbiteriana Mackenzie para obtenção
do título de mestre.

Aprovada em _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Máspoli de Araújo- Orientador
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dra. Cátia Cilene Rodrigues
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof. Dr. João Batista Borges Pereira
Universidade de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Este talvez seja o momento mais desejável daquele que se propõe a percorrer o caminho de desenvolver uma dissertação. Alguns até poderão discordar de mim ao ler isso, considerando que a conclusão final seja mais desejável. Contudo, eu compreendo que agradecer pelo ciclo completado, possibilita não só de se apropriar de algo que se concluiu com o apoio das pessoas, para mim é mais que isso, representa também a possibilidade de antever os frutos que virão a partir deste trabalho.

A decisão de ter feito o mestrado concomitantemente à minha graduação de psicologia, me conduz a um profundo “obrigado” à minha família representada pelo meu esposo Jean Carlo e os meus filhos Bruna e Pedro que foram tão corajosos como eu de se arriscar nessa empreitada, juntamente comigo sendo compreensivos, ajudadores e tolerantes, mais que pelo visto deu certo, não é mesmo pessoal?

Os meus projetos sempre começam com algo que me inspira, pessoas “pouco comum” costumam ser fonte de minha inspiração, sublinho “pouco comum” aqui, pois são essas pessoas que pensam fora da caixa, se jogam em projetos inusitados e concluem que não conseguem viver se não for assim. Eu não poderia deixar de agradecer à minha professora e amiga Cátia Cilene, que além de ter me inspirado e encorajado a fazer essa dupla jornada de graduação e mestrado, me ajudou, me motivou a não desistir por conta de percalços do caminho para que eu chegasse até aqui.

O meu agradecimento vai para o meu orientador Prof. Antônio Máspoli, que com seu acolhimento e conhecimento me mostrou novas possibilidades de desenvolver meu tema.

Ao Prof. João Batista pelo acompanhamento incentivador, pelos valiosos ensinamentos e contribuições de suas aulas, seu incentivo foi primordial para que isso tudo concluísse.

A cada participante da pesquisa, que se dispôs a responder o questionário e que contribuiu de forma efetiva para que ele fosse feito.

À Prof.^a Patrícia Pazinato que na ocasião da minha qualificação mostrou que é possível trilhar rumos diferentes para se chegar ao mesmo destino, suas contribuições foram imprescindíveis para esse resultado.

Aos colegas da classe de mestrado com carinho e companhia!

À todos que estiveram presente de alguma forma, perguntando sobre a pesquisa, contribuindo com ela, cuidando de mim e se importando com o trabalho.

À minha mãe, irmãos, tias e primos que sempre me fizeram acreditar que podemos ir além das nossas circunstâncias e histórias familiares.

À Deus, pelo seu cuidado comigo, por possibilitar voar vãos que eu nem sequer imaginava, sem ele nada disso seria possível! Obrigada Pai!

E que venham novos vãos, pois só quem experimenta esse vão sabe o quanto é bom!

*Eu sempre sonho que uma coisa gera,
nunca nada está morto,
O que não parece vivo, aduba.
O que parece estático, espera.
Adélia Prado.*

RESUMO

A experiência relacionada aos aspectos da espiritualidade e/ou religiosidade do paciente trazida ao *setting* terapêutico é uma realidade nos atendimentos psicológicos, já que esta é uma dimensão pessoal, cultural e social do ser humano. Tal fenômeno emerge da experiência do paciente com o que ele crê como sagrado, de suas crenças e da própria interpretação que ele dá à sua experiência. Contudo, as esferas da religiosidade ou da espiritualidade presente na do sujeito na clínica psicológica, podem levar o psicoterapeuta a carecer de métodos próprios para o manejo da relação do paciente com a sua própria experiência. Diante destas questões, tal problemática aponta para a necessidade de se compreender a pessoa em sua complexidade e singularidade. É a partir destas questões que proponho uma revisão nas teorias dos clássicos e contemporâneos da psicologia em relação aos aspectos da religiosidade e/ou espiritualidade dos sujeitos. Assim este trabalho apresenta alguns aspectos da religiosidade e/ou espiritualidade investigada por alguns nomes dos clássicos da psicologia como Wundt e William James e também nos contemporâneos da escola inglesa da psicanálise como Bion e Winnicott. Ao final deste trabalho, apresento os principais aspectos da religiosidade e/ou espiritualidade investigada pelos teóricos clássicos e contemporâneos da psicologia e a importância do reconhecimento de tais aspectos pelo psicólogo no manejo clínico.

Palavras chave: Espiritualidade, Religiosidade, Psicologia clínica

ABSTRACT

The experience related to the aspects of the patient spirituality and / or religiosity brought to the therapeutic setting is a reality in psychological treatment, since this is a personal , cultural and social dimension of human beings. This phenomenon emerges from the patient's experience with what he believes to be sacred, their own beliefs and the interpretation he gives to his own experience. However, the patient's spheres of religion or spirituality can lead the psychotherapist to lack of proper methods for handling the patient's relationship with his own experience. Faced with these facts, this issue points to the need to understand the person in their complexity and uniqueness. From these questions I propose a revision of the classical and contemporary theories of psychology in relation to aspects of religiosity and / or spirituality of the subject. Thus this paper presents some aspects of religiosity and / or spirituality investigated by some of the classic names of psychology such as Wundt and William James and also in contemporary English school of psychoanalysis such as Bion and Winnicott. At the end of this paper, I present the main aspects of religiosity and / or spirituality investigated by classical theorists and contemporary psychology and the importance of the recognition of such aspects by the psychologist in clinical management.

Keywords: Spirituality, Religion, Social Psychology of Religion.

LISTAS DE TABELAS

- **Tabela 1-** Frequências e percentuais: Gênero
- **Tabela 1.2-** Frequências e percentuais: Faixa etária
- **Tabela 1.3-** Frequências e percentuais: Tempo de exercício
- **Tabela 1.4-** Frequências e percentuais: Abordagem teórica
- **Tabela 2-** Frequências e percentuais: Dos que conhecem a psicologia da religião
- **Tabela 2.2-** Frequências e percentuais: Categorias de análise
- **Tabela 2.3-** Frequências e percentuais: Perspectivas teóricas dos que conhecem a psicologia da religião
- **Tabela 3-1-** Frequências e percentuais: Tempo de formação dos que conhecem a psicologia da religião
- **Tabela 3.2-** Frequências e percentuais: Quanto ao conhecimento adquirido em psicologia da religião
- **Tabela 3.3-** Frequências e percentuais: Quanto a abordagem teórica dos que conhecem a psicologia da religião
- **Tabela 4.1-** Frequências e percentuais: Tempo de formação dos que não conhecem a psicologia da religião
- **Tabela 4.2-** Frequências e percentuais: Quanto à abordagem teórica dos que não conhecem a psicologia da religião
- **Tabela 4.3-** Frequências e percentuais: Categorias de análise dos que não conhecem a psicologia da religião
- **Tabela 5-** Frequências e percentuais: Quanto ao tempo de exercício da amostra
- **Tabela 5.2-** Frequências e percentuais: Até 5 anos
- **Tabela 5.3-** Frequências e percentuais: 6-10 anos
- **Tabela 5.4-** Frequências e percentuais: mais de 20 anos

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO, pg. 7.

PARTE 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA, pg. 9-16

- Capítulo 1- O lugar do sagrado para os clássicos da psicologia da religião, p.17
- Psicologia Comportamental, p.24
- Capítulo 2- O lugar do sagrado para os contemporâneos da religião, p.27
- Bion- Período Religioso
- Winnicott- Teoria das relações objetais

PARTE 2: O ESTUDO: APRESENTAÇÃO DA PESQUISA, pg.39

- OBJETIVOS
 - Objetivo geral, pg.40
 - Objetivo específico, pg.40
- PROBLEMA, pg.40
- HIPÓTESES, pg.40-41
- JUSTIFICATIVA, pg.41
- MÉTODO, pg.43-44

**PARTE 3: APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS
pg.45**

- Identificação da amostra, pg.46-56
- Análise dos resultados, pg.56-58
- Considerações finais, pg.59-62

APRESENTAÇÃO

A prática clínica contemporânea tem se defrontado com fenômenos religiosos que aparecem na escuta clínica misturados aos fenômenos típicos da modernidade tais como o individualismo que trata como questionável qualquer estilo de vida, e hierarquização de valores que não tenha o indivíduo como eixo central. Diante de tais questões, somadas ao cientificismo, tecnologia e capitalismo, a clínica psicológica se torna um espaço de escuta das angústias provenientes dessas questões, tal fato aponta para uma deficiências dos psicólogos no acolhimento dos aspectos singulares, tais como a espiritualidade e a religiosidade e o significado desses aspectos.

A presente pesquisa “O lugar do sagrado na clínica psicológica” se refere à dimensão espiritual que é trazida pelos pacientes para o psicoterapeuta, que aparece nas expressões de espiritualidade e religiosidade, ambos constitutivos dos indivíduos crentes ou ateus, que como processos psicológicos podem estar imbuídos de significado para o processo terapêutico.

Para tal pesquisa, o trabalho foi organizado como **Parte 1**, contendo a fundamentação teórica (revisão histórica da psicologia da religião e os principais teóricos), que oferece métodos próprios os quais estudiosos aplicaram diretamente aos estudos da religiosidade e espiritualidade. Foram utilizadas também as concepções teóricas e clínicas da psicanálise Winnicottiana e Bioniana como possibilidades de compreensão de uma clínica psicanalítica que acolha as questões do sagrado. Na **Parte 2** eu apresento a estrutura do estudo em si, como foi planejada e desenvolvida e a **Parte 3** apresento os resultados dos dados de pesquisa, contendo as discussões e as análises dos resultados, dialogando com os objetivos e hipóteses levantados no início da pesquisa, comparando com os resultados obtidos.

Considera-se que os objetivos da pesquisa foram alcançados, para tanto espera-se que tal pesquisa contribua no manejo pelo psicólogo clínico de tais aspectos a partir de uma conduta ética que apresente a relevância desta temática .

PARTE 1- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A experiência relacionada aos aspectos da espiritualidade e/ou religiosidade do paciente trazida ao setting terapêutico é uma realidade nos atendimentos psicológicos, já que esta é uma dimensão pessoal, cultural e social do ser humano. Tal fenômeno emerge da experiência do paciente com o que ele crê como sagrado, de suas crenças e da própria interpretação que ele dá à sua experiência. Contudo, as esferas da religiosidade, presente na experiência religiosa do sujeito na clínica psicológica, podem levar o psicoterapeuta a carecer de métodos próprios para o manejo da relação do paciente com a sua própria experiência.

Considerando para além do juízo moral, da crença ou negação do transcendental, das posturas preconcebidas do ambiente acadêmico e a dificuldade dos Psicólogos frente a essa temática este projeto, com base nos estudos de Safra (2009), Paiva (1990), Valle (1998), Máspoli (2005), Rodrigues (2008) e Bruscajin (2008), este trabalho discute o teor da experiência religiosa e a sua influência no processo terapêutico. Baseado na Psicologia Social da Religião analisa quais concepções o pensamento dos clássicos e dos contemporâneos da Psicologia apresentam sobre o lugar do sagrado na prática da psicoterapia.

A sociedade contemporânea é marcada profundamente pelo individualismo (Baudrillard, 1995; Bauman, 1998; Berger 2005; Giddens 1991), e se caracteriza por uma postura de valores, ética e estilo de vida centrada na experiência do sujeito, sendo ele mesmo o seu referencial.

Segundo (Berger 2005; Giddens1991) a secularização amplamente discutida por diferentes vertentes da sociologia, trouxe uma consequência comum, que é a diminuição da influência que a religião exerce no pensamento dos indivíduos, tal como era na vida dos pré-modernos.

A falta de heróis, rituais de passagem ou até uma ideologia significativa a ser seguida, a falta de fé, ou em que ou quem acreditar está preenchido pelo desejo de ter, desejo típico do que é da ordem do indivíduo. Além do individualismo, defrontamo-nos com as questões do mundo atual caracterizado por forte ceticismo, a objetificação das relações humanas e a tecnologia como um fetiche que propõe maior aproximação entre os indivíduos, ao mesmo tempo em que, busca a massificação e a nomeação de tudo sem dar espaços para que os indivíduos avaliem sua própria existência.

Todos esses fenômenos contemporâneos, tais como a secularização, crise de sentido e o forte consumo, encontram um fim que é a previsão e o controle, que por sua vez,

dificultam aos indivíduos nomear os seus desejos uma vez que este já foi massificado e nomeado, ou pela ciência ou pela tecnologia.

Conforme Berger (2005) isso não significa dizer que as sociedades contemporâneas ao desenvolverem suas próprias estruturas funcionais de produção e comunicação de sentido já supriram as incertezas de sentido dos indivíduos.

Safra (2005, p.13) cita que:

No consultório, as questões propostas por nossos analisandos não se referem mais somente aos problemas do desejo e da relação com o outro. As queixas mais frequentes referem-se a vivência de futilidade, de falta de sentido, de vazio existencial, de morte em vida.

A atualidade da clínica psicológica é construída também por dados estatísticos, como os dados do último relatório mundial de saúde publicada pela OMS (Organização Mundial da Saúde), afirmam que atualmente a depressão é a 4º principal causa de incapacitação em todo o mundo, sendo que em 2020 será a 2º maior causa de incapacitação do planeta, e em 2030 o mal mais prevalente no mundo.

Os fatores correlacionados à depressão e outras doenças mentais, segundo esse mesmo relatório, são a pobreza, o sexo, a idade, os conflitos e catástrofes, as doenças físicas graves e o ambiente familiar e social. Outro problema que acompanha as doenças mentais severas é o suicídio, que já é considerado como a principal causa de morte entre os jovens, na maioria dos países desenvolvidos e em muitos países em desenvolvimento, tal cenário coloca um grande desafio para o desenvolvimento das políticas públicas focada na prevenção do suicídio.

De acordo com MASPOLI (2010), a psiquiatria e a psicologia tinham um olhar de desconfiança ao considerar a intervenção religiosa no tratamento das depressões. No entanto, hoje já se recomenda a intervenção conjugada para a depressão, tais como o tratamento médico psiquiátrico, os fármacos antidepressivos e o tratamento psicoterápico e também uma pastoral de solidariedade que nesse caso procura contribuir fornecendo uma visão bíblica da depressão. O acolhimento do psicólogo deverá conduzir o paciente a compreender as causas e o sentido da depressão, e a busca do sentido de sua existência considerando a crença ou não desse paciente.

Na civilização formada pela modernidade a pessoa pode colocar-se fora da religião metodologicamente ou, então por convicção. Nela, os homens em princípio têm o direito e a possibilidade cultural e social de crer ou de não crer. (PAIVA 2001, p.15).

No âmbito da clínica psicológica, além das depressões, apresentam-se questões de conflitos familiares, violência, doenças graves, problemas de desenvolvimento e questões existenciais que configuram uma clínica para além das questões da dimensão humana. Nesse contexto de um indivíduo biopsicossocial (interação de fatores biológicos, psicológicos e sociais) que é influenciado pela dimensão espiritual, como acolher as questões das crenças religiosas dos pacientes, respeitando as abordagens teóricas da psicologia, sem deixar o caráter ético da profissão e conduzi-lo em sua singularidade?

De acordo com Rodrigues (2008) ao considerar que o comportamento, identidade, experiência e as crenças são elementos fundamentais para a compreensão da dinâmica humana, proponho como partida explorar tais aspectos teóricos a partir da Psicologia da religião para a compreensão do fenômeno religioso tal qual como se apresenta.

A cada dia ouve-se falar mais em espiritualidade/religiosidade para fora dos limites das igrejas, templos e santuários. Os ambientes organizacionais, hospitalares e profissionais da saúde em diversas especialidades já têm pesquisado os benefícios da valorização de tais aspectos em suas intervenções.

(Giglio,1993;Razali et al.,1998;Sperry e Sharfranske,2004) apontam que o reconhecimento e a compreensão dos aspectos religiosos e da espiritualidade dos pacientes ajudam na adesão à psicoterapia, além de proporcionarem melhores resultados das intervenções.

Dessa forma cabem algumas definições dos conceitos de espiritualidade, religiosidade e religião que serão desenvolvidos nesse trabalho.

Brito (2009) define religião como um sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos projetados para auxiliar a proximidade do indivíduo com o sagrado e/ou transcendente. Nesse sentido a religiosidade, esta originária da religião se refere à maneira como o sujeito desenvolve os aspectos doutrinários de sua religião, pode ser também segundo Brito (2001) a maneira da espiritualidade se manifestar.

Ainda o mesmo autor desenvolve que a espiritualidade é uma busca pessoal de respostas sobre o significado da vida e o relacionamento com o sagrado e/ou transcendente. Dessa forma a religiosidade se relaciona ao transcendente, e a espiritualidade à uma busca de sentido.

Diante disso segundo Giovanetti (2004) é possível viver uma espiritualidade arreligiosa, ou que não se conecta a nenhuma crença religiosa, pois a espiritualidade em si, busca o sentido para a existência na existência. Ao contrário religiosidade tem em seu tema central a busca do sentido ultimo, para além da vida.

Ancona–Lopes, M. (2005) analisa a dificuldade de abordar o tema religiosidade, religião e espiritualidade durante a formação de psicólogos:

O desconhecimento de estudos na área, aliado ao preconceito existente no meio acadêmico e científico contra as posições religiosas, consideradas pouco racionais, ingênuas e ultrapassadas, impede a discussão aberta do tema com professores e supervisores e termina por dificultar a elaboração e assimilação reflexiva das vivências espirituais. Conseqüentemente, o hiato entre as experiências pessoais e a linguagem profissional é grande e dificulta o estabelecimento de um diálogo interno e externo consistente (p.153).

Dessa forma a compreensão da Psicologia e a Religião sempre foram cercadas por “tabus acadêmicos”. De acordo com Rodrigues (2008) isso se deve ao problema da lógica empirista, que ao se defrontar com a realidade subjetiva presente na experiência religiosa e psicológica, se mostra faltante de métodos que possam ser observáveis.

Sendo a Psicologia uma ciência de observação do comportamento humano, sua compreensão epistemológica configura-se partir do conjunto de ações subjetivas, portanto não passíveis de critérios empíricos de investigação de um fenômeno científico.

“Ciência e Religião têm sido um binômio problemático em algumas áreas da cultura ocidental moderna. O acréscimo da Psicologia a este binômio tem o sentido de descartar a extensão da ciência natural e biológica para a ciência humana e de aproveitar a dimensão psicológica que vincula o cientista à religião e o religioso à ciência” (PAIVA, 2002, p.173).

Em um de seus trabalhos, Paiva (1989) levanta um diálogo entre Ciência e Religião, a partir de duas dimensões da Psicologia: uma que se aproxima das ciências naturais e biológicas e outra que aproxima das ciências históricas e hermenêuticas. Exemplos de aproximação das ciências naturais seriam a Neuropsicologia e a Psicologia Cognitiva, e a de aproximação das ciências históricas, seriam a Psicanálise e as outras Psicoterapias dinâmicas.

Por essas razões, a psicologia da religião, para chegar a uma compreensão mais abrangente de seu objeto, deve, na medida do possível, aproximar-se dele por meio de confrontações e modelos teóricos trans e multidisciplinares, sem renunciar a seu próprio prisma de análise e metodologia (USARKI, 2007, p.130).

A passagem da autoridade da religião que sempre se baseou em fatos metafísicos e subjetivos para explicar os vários setores da vida humana, começa a ser questionado. Nesse momento a Ciência se coloca com métodos próprios de experimentação e observação, colocando novos paradigmas de observação para as ciências humanas ao se defrontar com a subjetividade da natureza humana.

Conforme Giovanetti (2001) o projeto iluminista do século XVII desloca a posição de Deus para o segundo lugar, e coloca o homem na posição central. Acrescenta-se a isso a apropriação da tecnologia pelo homem, que é resultado do desenvolvimento da ciência e coloca aos indivíduos busca da satisfação imediata. Diante desse cenário se torna urgente a compreensão sobre qual a posição que Deus ocupa no imaginário dos indivíduos.

Os sintomas da sociedade contemporânea como violência, assédio moral ou sexual, dilemas femininos da profissional e mãe, depressão, fobias, distúrbios e assim por diante,

coloca-se como questões vazias de sentido, que não raramente surgem na clínica psicológica como uma questão existencial humana.

As tramas do cotidiano dos pacientes são delimitadas por uma variedade de aspectos que fazem parte da subjetividade humana, e o comportamento religioso segundo Valle (2001) tem despertado o interesse da psicologia em compreender tal aspecto.

“A sensibilidade da psicologia em relação ao tema do sagrado parece estar aumentando na proporção mesma em que se constata uma espécie de renascimento do interesse cultural pelo religioso” (Valle, 2001, p.58).

É útil compreender que a história da psicologia demonstra que houve momentos de grande distanciamento para compreensão de tal aspecto na clínica psicológica.

A herança do que Freud colocou sobre o religioso e a religião, deixou algumas perguntas se a psicanálise é a favor ou contra a religião, sendo que para alguns é claro o tom ateu de Freud em seus textos, já que Freud considera toda crença religiosa uma ilusão.

Freud (1907) desenvolve seu primeiro texto sobre a religião, mas não é uma análise da crença ainda, nesse texto há uma constatação da similaridade de atos do neurótico obsessivo e o cerimonial público da prática religiosa, as semelhanças entre os dois atos está na compulsão por repetir certos atos, preocupação com a ordem, pontualidade e perfeição, tudo isso com o fim de evitar a angústia.

Mais tarde, Freud (1927) em *O futuro de uma ilusão* sua compreensão a respeito da religião vai mais longe ao sentido de considerá-la como um engano, fruto de uma ilusão. A razão da crença em Deus ou deuses seria a realização dos mais antigos desejos da humanidade, sendo o auxílio divino comparado à compensação pelo sofrimento e privação que a civilização impõe ao homem.

Em 1929, sua obra *mal-estar na civilização* retoma a interpretação do pai ideal, “não se deve simplesmente a uma sobrevivência das necessidades infantis, mas é permanentemente reanimado pela angústia do homem diante da preponderância poderosa do destino”. Nesse caso o religioso tem a configuração de uma onipotência absoluta diante da impotência humana.

Jung não compartilha a compreensão freudiana da religião como neurose sexual e de modo mais geral Jung rejeita o relato freudiano do caráter simbólico dos fenômenos religiosos.

Jung (1912), em *Símbolos da Transformação*, expõe sua rejeição à ideia de Freud de uma libido exclusivamente sexual, particularmente voltada à religião. Outra oposição que Jung faz a Freud em relação à religião é a consideração da função positiva que Jung faz a religião se conhecer a definição do religioso.

De acordo com Jung (1999, p.10)

[...] o termo “religião”, não me refiro a uma determinada profissão de fé religiosa. A verdade, porém, é que toda confissão religiosa, por um lado, se funda originalmente na experiência do numinoso, e, por outro na *pistis*, na fidelidade (lealdade), na fé e na confiança em relação a uma determinada experiência de caráter numinoso e na mudança de consciência que daí resulta.

Jung assim traz a idéia de um indivíduo captado pelo sagrado sob o qual recebe a influência imediata desse encontro.

Valle (2010) cita a importância de se considerar a experiência religiosa tanto sobre a perspectiva individual e também sob a perspectiva grupal. Sob a perspectiva individual a experiência se relaciona a subjetividade do indivíduo. Ao considerar a perspectiva social, o indivíduo é analisado no contexto social e institucional, nesse sentido o psicólogo social analisará sob determinadas categorias de análises próprias da psicologia social. De acordo com Valle (2010):

No campo do comportamento religioso suas preocupações mais frequentes são: motivações; pertença; formação de atitudes; identidade; práticas religiosas; coesão interna do grupo; conversão; crise; misticismo; self religioso; maturidade; aspectos patológicos; adesão aos valores; câmbios; traços de personalidades dos sujeitos; tipos de liderança; estruturas organizativas em sua conexão com os papéis sociais dos atores; símbolos e linguagens; dimensões étnico-culturais; papel das classes sociais; autoritarismo; afetividade masculina e feminina; secularização; pietismo; rituais coletivos; diferenciação e evolução (p.56).

Dessa forma Valle avalia que o estudo da psicologia social da religião deve ser realizado, pela confrontação dos critérios subjetivos de escolha e os diversos campos teóricos. Valle (2010, p.57) ressalta que para o psicólogo social não existe um objeto que possa ser definido como “religioso” em si mesmo. Todo e qualquer fenômeno, experiência ou fato humano pode ser revestido do sagrado e manifestá-lo.

Safra (2005) trabalha com as idéias de Winnicott em que a objetividade é relativa, o que é objetivamente percebido é subjetivamente concebido. O autor faz referência a importância de o analista fazer uma articulação simbólica, que ocorre pelo fenômeno da significação. Nesse sentido o analista deve estar apto em oferecer diversos meios

disponíveis para constituir o self de seu paciente, para que ele de continuidade ao desenvolvimento de si mesmo.

Safra (2005) cita que:

A palavra e a linguagem discursiva foram, no mundo ocidental, identificadas à razão, ou à origem da razão, mas na verdade o que percebemos na situação clínica, conduzida segundo os princípios expostos, é que estes dois elementos não cobrem todo o campo simbólico do ser humano. Inúmeras articulações simbólicas se apresentam. O indivíduo apresenta seu existir por gesto, por sonoridade, por formas visuais, por diversos meios disponíveis para constituir seu *self* e seu estilo de ser. São criações na maior parte das vezes, de grande complexidade simbólica e não passíveis de decodificação (p.24).

Winnicott (1971) em sua teoria relata a importância de considerar a experiência humana numa área que não é a realidade interna nem a externa, mas que tem a participação de ambas, sendo essa área dos fenômenos transicionais, que é quando a criança começa a usar símbolos.

Essa área intermediária de experiência, incontestada quanto a pertencer à realidade interna ou externa (compartilhada), constitui a parte maior da experiência do bebê e, através da vida, é conservada na experimentação intensa que diz respeito às artes, à religião, ao viver imaginativo e ao trabalho científico criador (Winnicott, 1971, p.30).

As pesquisas em neurociência cognitiva têm avançado com técnicas de observação, de mapeamento das atividades cerebrais correspondentes ao comportamento dos indivíduos, que podem contribuir significativamente para a observação do comportamento religioso

Damásio (2000) relata:

No decorrer das duas últimas décadas, o trabalho em neurociência cognitiva tornou-se especialmente frutífero, pois o desenvolvimento de novas técnicas para observar o cérebro, visando conhecer sua estrutura e função, permite-nos agora associar determinado comportamento que observamos, clinicamente ou em um experimento, não só a um correlato mental presumido desse comportamento, mas também a marcadores específicos de estrutura ou atividade cerebral (p.30).

Valle (2004) ressalta a importância de se considerar os mesmos pressupostos de análise, ao considerar o ateísmo como passível de análise em seus mecanismos conscientes e inconscientes.

(...) tanto no ateu como no devoto agem os mesmos dinamismos inconscientes e conscientes. Em ambos os casos, necessariamente, à base de tudo estão os desejos e carências infantis (alguns neuróticos,

outros não). Dependendo do itinerário de maturação de cada indivíduo, os “desejos”, “ilusões” e “falhas” podem ou não ser psicologicamente superados e integrados. Se assim é, ao ateísmo como à devoção devem ser aplicadas as mesmas regras hermenêuticas de análise e interpretação do comportamento (VALLE, 2004, pg.281)

Frente ao debate teórico este trabalho analisará nas teorias da personalidade de base psicodinâmicas e comportamental-cognitiva, quais os mecanismos conscientes e inconscientes presentes nas crenças dos indivíduos.

Capítulo 1- O sagrado para os clássicos da psicologia da religião.

A Psicologia é considerada uma ciência jovem entre as ciências modernas, no entanto a experiência humana voltada para o aspectos da religiosidade e espiritualidade constam nos registros mais antigos da humanidade.

A descrição de comportamentos humanos com aspectos fantasiosos e mitológicos, as interpretações sobre o bem e o mal, a dualidade humano-animal, a construção de uma moral primitiva e até um senso de ordem e justiça sempre esteve presente em relatos históricos de civilizações antigas.

O reconhecimento das contribuições dos clássicos, estes precursores que formaram os pilares da Psicologia se faz necessária para a compreensão do percurso traçado por tais autores até chegar às teorias contemporâneas. Tal percurso intenta traçar resumidamente as relações de distanciamentos e aproximações possíveis entre as teorias psicológicas por nomes que se destacaram nos estudos clássicos da Psicologia da Religião como Wundt, William James e Skinner.

De acordo com Paul Johnson (1964) os dados psicológicos da religião são tão antigos como a História humana.

Tais comportamentos que aparecem na humanidade desde cedo, que são descritos como religiosos preparam o caminho para a Psicologia da religião, que ao analisar criticamente o comportamento humano voltado para o fato religioso e descrevê-lo sistematicamente não se vê afastada dos outros ramos da psicologia, antes se utiliza da psicologia social, psicologia da personalidade, psicologia do desenvolvimento e a psicologia clínica para atingir o seu objeto.

O presente trabalho ao analisar os aspectos da religiosidade, espiritualidade e religião,

buscará compreender na história da psicologia em tempo cronológico os estudos e experimentos de alguns teóricos que se destacaram na Psicologia da Religião. Porém é necessário esclarecer que alguns nomes que deram importante contribuição nessa linha histórica poderão não ser mencionados nesse trabalho, dado a limitação de tempo e objetivo de tal pesquisa. Em uma discussão ampliada, o ideal seria apresentar as teorias, métodos e os diferentes interesses dos estudiosos da Psicologia da Religião.

Delimitar na história o início da Psicologia da Religião não é uma tarefa fácil, pois já haviam estudiosos que se dedicaram a compreender o fenômeno religioso antes da modernidade.

A preocupação em compreender o fenômeno religioso não se inaugura com a Psicologia, tampouco na modernidade. Pensadores da tradição greco-romana, bem como da tradição judaico-cristã já o fizeram desde a antiguidade- apenas para citar nossa matriz cultural ocidental, pois muitos pensadores orientais já o fizeram desde o início da história (RODRIGUES, 2013, p.335).

No século XV Blaise Pascal não deixou de lado os aspectos psicológicos em suas investigações de abordagem experimental à Matemática e à Física. Pascal tinha profundo interesse pela verdade em suas pesquisas, e nesse sentido não se limitou apenas a observar as coisas externas, de igual forma buscou no mundo interior e estendeu suas investigações para os fatos psicológicos desconhecidos ao sentido e a razão.

A contribuição de Blaise Pascal com a invenção da máquina de calcular, de certa forma representa esse interesse pela verdade, sendo a máquina de calcular o embrião da pesquisa estatística.

Outros nomes de filósofos e teólogos surgem na modernidade como expoentes sobre os estudos do fenômeno religioso, tais como Jonathan Edwards, Friedrich Schleiermacher, David Hume, Soren Kierkegaard e Gustav Theodor Fechner.

De acordo com Paul Johnson (1964) deve-se a Jonathan Edwards (1703-58) e Friedrich Schleiermacher (1768-1834) o incentivo a abordagem psicológica à Teologia. Hume analisou em suas pesquisas alguns elementos suscitadores da religião como sentimento de medo e esperança.

Soren Kierkegaard como filósofo existencialista possuía grande fascínio por compreender o significado objetivo da existência pessoal, e para ele a Psicologia era mais metafísica do experimental contrariando as idéias de outros teóricos da época. Fechner (1801-87) formado em Medicina na Alemanha e dedicado aos estudos da Física, suas

idéias eram que havia uma profunda identificação entre o espírito e a matéria, para ele a consciência penetrava todas as coisas.

A partir dessas idéias ele se desloca para o campo da Psicofísica, onde estabelece métodos de mensuração. Segundo Paul Johnson (1964) o trabalho de Fechner em compreender a natureza da alma, em relação ao mundo deve-se muito à sua dedicação religiosa.

É possível localizar três perspectivas diferentes de pesquisa que a psicologia da religião foi desenvolvida desde o seu surgimento. A primeira perspectiva foi descrita como experimental comportamentista que tem B.F. Skinner como seu principal representante.

Como uma subcategoria do paradigma experimental comportamentista, surge o funcionalismo que possibilitou uma abertura maior para a religião, porém desacreditava da possibilidade uma psicologia da religião científica que discutiria temas como o inconsciente, introspecção e os processos psicológicos básicos envolvidos na crença.

A segunda perspectiva é a fenomenológica, nesse sentido seu objetivo é compreender o sentido último da experiência. Conforme Usarki (2007) a psicologia fenomenológica não concebia o reducionismo comportamentista e também se opunha a concepção psicanalítica dos processos inconscientes.

A terceira perspectiva é o paradigma genético-estruturalista-cognitivista que teve como seu expoente máximo Piaget. Foram desenvolvidos estudos em países de língua Inglesa por neopiagetianos como D. Elkind, R. Goldman e L. Kohlberg. Esses estudos trouxeram funções inovadoras da evolução do senso moral e da religiosidade infantil.

Esses modelos que antecederam à Psicologia da Religião demonstram que havia investigações e especulações de campos disciplinares diversos como a filosofia, sociologia e teologia, tais investigações contribuíram para formar os alicerces da Psicologia da Religião.

A partir das investigações de Wilhelm Wundt (1830-1920) que concebia a psicologia como ciência experimental e com a fundação do primeiro laboratório de psicologia experimental em 1879, a psicologia se constitui como ciência independente da filosofia, que a partir de então passa a ter objeto e métodos próprios.

Para Wundt, a psicologia era a ciência da experiência e os seus dados eram os fenômenos. Sua função consistia em decompor os elementos que formavam os processos conscientes e descobrir as leis que os ligavam entre si. Esses elementos não eram unidades estáticas, mas processos mentais dinâmicos. Ele destacou a importância da lei da causalidade psíquica, que atua como um momento do paralelismo psicofísico. Outro aspecto importante da sua psicologia é a lei das relações psíquicas, segundo a qual todo conteúdo psíquico adquire significação a partir das suas relações. A sua lei de contrastes psíquicos sublinha o fato de que os opostos reforçam-se reciprocamente; e a sua lei dos resultados psíquicos evidencia que as associações operam mediante processos de fusão, assimilação, complicação e memória. (USARKI, 2010, p.157).

Nesse laboratório de psicologia experimental Wundt assumiu o treinamento de uma geração de psicólogos experimentais, que contribuíram para o pioneirismo dessa nova ciência e que se espalharia mais tarde para a Europa e América.

O laboratório experimental de Wundt contribuiu para o surgimento de uma corrente psicológica que é a psicologia estruturalista.

As obras de Wundt foram amplamente divulgadas nos jornais que ele fundou. A obra de Wundt “Fundamentos de psicologia fisiológica” contemplava o ponto de vista da ciência natural.

Outra obra de Wundt que mereceu destaque foi a “Psicologia dos Povos”, no qual desenvolve a compreensão da religião baseada na evolução histórica dos povos. Tal obra foi publicada em duas partes, atingiu cinquenta e três mil páginas divididas em dez volumes. O trabalho de Wundt é desenvolvido a partir da idéia que sendo a psicologia uma ciência experimental, seus dados são fenômenos, e como tal pode-se analisar as relações entre os elementos que se relacionam.

A diferença, portanto, da psicologia experimental, que se ocupa do fundamento fisiológico dos processos psíquicos, ou diferentemente da história, que se ocupa das criações individuais, a psicologia dos povos tem como objeto descobrir as leis que regulam o desenvolvimento psíquico dos povos. Alinhado com os pioneiros dessa disciplina, Steinhal e Lazarus, Wundt amplia assim o campo de observação da pesquisa psicológica tanto para a sociedade quanto (e aqui em sintonia com o pensamento evolucionista então dominante) para a história da humanidade. (USARKI, 2010, p.158)

Wundt desenvolveu seu pensamento sobre a religião influenciado por vertentes da teologia alemã, que baseada na filosofia kantiana retira os aspectos intelectuais e destaca o caráter afetivo do comportamento religioso. Nesse sentido Wundt defende que a religião tem sua origem em processos emocionais como o medo.

No fim do século XIX e início do século XX a psicologia da religião já se desenvolvia na Europa, no entanto em relação a psicopatologia a escola francesa apresentava críticos e defensores da vida religiosa.

Entre os estudiosos que contribuíram aos estudos da Psicologia da Religião encontra-se Janet (1859-1947) colega e aluno de Charcot que desenvolveu estudos de caso de religiosos extraordinários aos quais ele associa alguns sintomas peculiares do comportamento religioso ou até patologias provenientes de emoções desencadeadas tais como a neurose obsessiva compulsiva, distúrbios psicológicos, fanatismo e perturbações psicossomáticas.

Outros autores da escola francesa como Ribot (1839-1916) contribuíram em outros estudos que avaliavam a religiosidade e suas manifestações patológicas tais como os sentimentos de culpa e medo, depressão, melancolia e estados de sentimentos intensos e contraditórios.

Nos avanços da compreensão das patologias da emoção religiosa também contribuiu Murisier (1867-1903), psicólogo e filósofo suíço e companheiro dos estudos de Ribot em Paris, ao compreender que os fatores que constituem o sentimento religioso não aparecem só no sentido pessoal, a partir disso ele traz contribuições para a análise do elemento social.

Para Ribot ele distingue dois aspectos de análise que são os elementos pessoais e os sociais. Quando há uma exarcebação do elemento individual na constituição do sentimento religioso manifesta-se o místico, que é representado por perturbações mentais e físicas. Contudo quando se intensifica o elemento social, surge o fanático que ao se afiliar as ideias de um grupo ou comunidade aceita tais ideias sem uma análise crítica e contestadora.

Porém a escola francesa também assimilou através de Murisier que em sua análise dos elementos sociais a religiosidade ao propor questões morais à sociedade pode contribuir para a estabilidade social e da cultura, assim como para a adaptação do sujeito à cultura.

Ainda na escola da psicopatologia francesa o psicólogo da religião Flournoy, médico que estudou com Wundt, formulou duas bases uma positiva e uma negativa sobre os quais a psicologia da religião deve-se fundamentar de modo científico: 1- Excluir um ser superior 2- Considerar interpretações biológicas, fisiológicas, genéticas e dinâmicas. Para Flournoy os aspectos que envolvem a vida religiosa são dinâmicos e vivo.

As contribuições da psiquiatria oitocentista conforme examinado se deu pelo fato que o poder médico era exercido sobre a sociedade burguesa. Tais médicos se viram desafiados as novas formas de neuroses, demências e esquizofrenia que ultrapassavam o limite de suas especialidades. O quadro de neuroses observado por tais psiquiatras colocou-se um novo paradigma de doenças orgânicas, porém a doença mental dentro de critérios clínicos não existia um diagnóstico diferencial que fosse clinicamente válido.

[...] Charcot identificou determinadas características que chamou de “estigmas”. Charcot toma do vocabulário religioso alguns termos, procurando caracterizar como “patológico”, de modo geral, o comportamento religioso. Assim também vai utilizar o termo “conversão” para certas manifestações corporais de quadros psíquicos. Charcot tinha tendência anti-clerical e favorável à república afastada da religião, trazendo esse pendor para seus entendimentos médicos (MOTTA, 2012, p.35).

A Psicologia da Religião dentro do contexto europeu foi amplamente discutida e estudada conforme demonstrado. Contudo a Psicologia da Religião nasce e se desenvolve como campo teórico e independente com William James nos EUA em 1896.

As contribuições de William James para o estudo do campo da experiência religiosa se fez juntamente com outros psicólogos contemporâneos à ele, tais como Wundt e Starbuck, porém William James apesar de percorrer vários caminhos de pesquisa tais como o naturalismo científico, psicologia experimental optou a se dedicar para um estudo intenso da experiência religiosa e ética.

Enquanto os outros psicólogos como Starbuck realizavam um trabalho de redigir documentos biográficos, buscando evidências quantitativas por métodos estatísticos, buscando confirmações por médias estatísticas, William James se utiliza dos mesmos documentos biográficos com relatos de casos e se atenta para o que é único na experiência com o sagrado. Ao fazê-lo dessa forma buscou o que é mais pessoal e autêntico nos relatos de tais experiências, pois ao qualificar as experiências como extremadas ou sob qualquer outro padrão poderia perder o verdadeiro significado da existência pessoal que era o mais lhe interessava em sua investigação.

Conforme Usarki (2010) William James e outros psicólogos vão exercer duras críticas ao materialismo médico, ao ressaltar a importância da compreensão dinâmica dos fenômenos religiosos.

Os fatores históricos e culturais foram preponderantes ao direcionamento da Psicologia da Religião na Europa e nos Estados Unidos. Na Europa os psicólogos experimentais ao observarem o fenômeno religioso receberam forte influência dos

movimentos de secularização de diferentes países europeus, contudo os movimentos de intensa atividade religiosa nos EUA da metade do século XX possibilitaram grande interesse científico a uma psicologia aplicada ao religioso de acordo com Usarki (2010).

William James (1842-1910) em seu trabalho as Variedades da Experiência Religiosa defende a predominância da experiência afetiva sob as crenças religiosas, sendo que tal experiência pode ter sim ou não um caráter sadio ou patológico.

Conforme Paul Johnson (1964) quanto a disposição orgânica ou patológica do religioso sua percepção era diferente de Freud e Leuba, pois para William James a origem não determina o valor.

De acordo (Rodrigues apud Passos, p.336) a experiência religiosa deveria ser analisada sob o sujeito em questão, nesse sentido William James combate os pressupostos de alguns teóricos da escola francesa que generalizavam toda experiência religiosa como patológica e também o preconceito da Psicologia sobre o estudo do comportamento religioso.

Para a compreensão da experiência religiosa, James se utiliza de uma descrição fenomenológica, sobretudo para ele tal experiência “começa pelo afeto e posteriormente se origina as crenças” conforme Ávila. Nesse sentido James se importou em considerar a subjetividade no processo da crença e a personalidade daquele que exerce a crença. James não se preocupava em se aprofundar nas questões institucionais e sociais da religião, sua proposta de estudo foi a religião pessoal pura e simples.

O empirismo radical de James reduz-se a afirmar que nada é tão importante como a experiência concreta. No fenômeno religioso, os interesses vitais são ultra-rationais e devem ser determinados, não pelo raciocínio abstrato das filosofias e doutrinas, mas pelos momentos da experiência vivida. A tese das Variedades é que, embora algumas manifestações religiosas pareçam tão absurdas quanto as doutrinas e teorias, a vida religiosa como um todo é a função mais importante do homem (JOHNSON, 1964, p.28).

Nessas condições James defende que não existe uma natureza psicológica específica para o sentimento religioso, para ele existem determinados sentimentos humanos que quando dirigidos ao sentimento religioso se assemelham a qualquer outro sentimento dirigido a outro objeto.

Como estados concretos de espírito, feitos de um sentimento mais um tipo específico de objeto, as emoções religiosas, naturalmente são entidades psíquicas distinguíveis de outras emoções concretas; mas não existe fundamento para a presunção da existência de uma simples e abstrata

“emoção religiosa” como afeição mental elementar distinta por si mesma, presente em toda experiência religiosa, sem exceção. (JAMES, 1995, p.30).

A partir disso James (1985) ressalta que “existe o medo religioso, o terror religioso, a alegria religiosa”, no entanto tais sentimentos são naturais da emoção humana dirigidos à um objeto religioso, para ele “o medo religioso é tão somente o medo comum da vida de todos os dias”.

A partir desses fatos William James foi o que mais aproximou a religião da clínica, ao observar os dramas da existência humana, os dilemas existentes entre a vida e a morte e possibilidade restauradora que integra a personalidade dos indivíduos. Conforme demonstrado as contribuições de William James deram fôlego novo para a construção desse conhecimento que até então se apresentava estritamente como uma psicologia experimental, suas contribuições foram no sentido de apresentar as possibilidades de aproximações diferentes no campo da religião.

O lugar do sagrado na psicologia comportamental nos clássicos da psicologia da religião

A Psicologia Comportamental surge no século XIX, ante a recusa de alguns psicólogos sentirem-se incomodados com a introspecção como método científico. Para estes psicólogos tal método se mostrava vulnerável e pouco confiável, já que as outras ciências se utilizavam de métodos objetivos e quantificáveis, portanto passíveis de replicação e refutação.

A Psicologia Experimental se desenvolve a partir da idéia de se estudar o comportamento observável, evitando assim a subjetividade e a introspecção. Desde a primeira publicação de Watson em 1913 até Skinner (1904-1990) as idéias behavioristas foram mudando a respeito de como alcançar uma ciência do comportamento.

A idéia de uma ciência do comportamento assim como qualquer outro objeto de estudo, traz o sentido que este objeto pode ser ordenado previsto e controlado desde que tenha os meios necessários. Com isso ao propor uma metodologia para o desenvolvimento da psicologia científica esta tinha como sua tarefa principal a observação, a previsão e o controle do comportamento. Dessa forma considerou-se a negação das dimensões internas da psique, isso de certa forma excluiu e dificultou os estudos das vivências religiosas e os sentimentos provenientes de tal vivência.

Conforme Ávila (2007) tanto os behavioristas como os neobehavioristas não se interessaram estritamente pelo fato religioso, se o fizeram foi a partir de um aspecto biológico e experimental.

O primeiro estudo experimental de Psicologia da Religião foi realizado nesta abordagem por K. Girgensohn, mas os behavioristas não se interessaram especialmente pelo estudo do comportamento religioso, realizando-o de modo paralelo às pesquisas realizadas. Destes, podem-se citar apontamentos de Sargant, Skinner, Stark e Glock, com a elaboração de pesquisas e estudos quantitativos que delimitam algumas considerações psicológicas sobre a religião. (USARK, 2013, p.337).

Alguns estudiosos do comportamento dedicaram-se a estudar o fenômeno da conversão religiosa como o psiquiatra inglês William Sargant e Pavlov. Ambos partiram dos conceitos pavlovianos de “estimulação transmarginal” (estimulação religiosa intensa) e “inibição transmarginal” (processo de inibição ou bloqueio) para explicar o fenômeno da conversão religiosa. Tais conceitos pavlovianos foram aplicados para estudar as respostas à uma estimulação religiosa intensa, tal como acontecia nos ajuntamentos de grupos religiosos no Leste dos Estados Unidos.

Segundo Ávila (2007) Sargant observou que a exposição prolongada a uma estimulação religiosa intensa gera um processo histórico de sugestionabilidade que ele nomeou processo de inibição ou bloqueio, em que o estímulo contrário que gerará resposta.

Para Sargant, depois de uma intensa excitação emocional, que gera uma saturação de vivências religiosas, são os medos imaginados e não as vivências religiosas que provocam um *revival* religioso. A partir disso, estendeu sua aplicação a outros fenômenos religiosos, como as possessões induzidas pela utilização de práticas emocionais intensas dos ritos etc. Com isso quis buscar uma explicação para a manipulação encoberta dos cultos e das seitas. (AVILA, 2007, p.46).

Para ampliar tais conceitos Sargant aprofundou na observação de outros fenômenos religiosos tais como os ritmos, músicas e dança presente nos cultos. Tais elementos tinham o objetivo de provocar uma excitação profusa que ele nomeou de estimulação transmarginal. A partir desse momento o controle dos participantes ficava comprometido, tornando possível um completo domínio de líderes carismáticos que conduziam o povo a à um rebaixamento crítico emocional dos participantes desses cultos.

Skinner estudou o fato religioso indiretamente ao analisar as instituições sociais, tais como o governo, as leis, a psicoterapia, a educação e a economia, para ele tais instituições exercem um domínio sobre o comportamento humano. De forma análoga as

instituições religiosas podem servir como um elemento inibidor ou reforçador do comportamento humano quando associadas às idéias de castigo ou prêmios. Outro elemento que Skinner observou foi o elemento supersticioso, em que a repetição de comportamentos supersticiosos pode gerar coincidências que conduz às novas expectativas que desencadeia outros comportamentos supersticiosos.

Entre os poucos estudiosos behavioristas do fato religioso aparecem Stark e Glock. Esses se destacaram por conduzirem estudos com métodos estatísticos que tinham como questões dominantes a essência do compromisso religioso e qual a natureza psicológica e sociológica do compromisso religioso. Tais estudos foram publicados em seus livros “Religião e sociedade em tensão” (1965) e “Devoção americana: a natureza do compromisso religioso” (1968). Suas pesquisas receberam fortes críticas metodológicas, relacionadas a ambigüidade da linguagem, contudo tais estudos trouxeram grandes contribuições para aplicação do método estatístico ao estudo da religião.

Alguns estudos com métodos experimentais contribuíram com a psicologia da religião ao testar hipóteses que são controladas por variáveis. Dadas as dificuldades de se controlar as variáveis esses estudos se concentraram em estudar a influência de um fato sobre o outro, tais como a influência de uma oração sobre a personalidade dos indivíduos, e comportamentos especificamente religiosos.

Outra contribuição fornecida pela psicologia científica é a de base biológica da personalidade. Tais estudos consideraram o sistema hormonal, as alterações de humor estabelecendo relações com a religiosidade, além disso, levantaram as semelhanças de efeitos de drogas e efeitos místicos extraordinários. Para esses estudiosos os estados alterados de consciência possibilitaram um aprofundamento dos estudos do sistema nervoso relacionado ao comportamento religioso, no qual fizeram um mapeamento das ondas elétricas cerebrais e as funções dos hemisférios cerebrais relacionados ao comportamento religioso.

Por último as contribuições da psicologia cognitiva ao estudar os processos mentais e da memória humana, possibilitaram o desenvolvimento de pesquisas sobre atitudes religiosas e o desenvolvimento moral da criança ambas conduzidas por Piaget.

De acordo com Ávila (2007) nos textos de Piaget sobre as atitudes religiosas, ele relacionava que as concepções de Deus para os indivíduos se relacionavam ao tipo de relação que os indivíduos tiveram com seus pais.

Se a atitude religiosa para o indivíduo era de um Deus “transcendente” esses tinha como um Deus de causas, ordenador da fonte cósmica e do sentido das coisas, nesses havia uma predisposição maior ao respeito e obediência a autoridade, submissão dos filhos em relação aos pais que desencadearia uma relação de transcendência diante do Sagrado. Para aqueles que tinham um atitude de um Deus “imane” esses tinham uma inclinação por respeito mútuo entre pais e filhos e maior reciprocidade entre eles pois esses concebiam Deus como um organizador de valores pessoais.

Contudo a maior contribuição de Piaget de acordo com Ávila (2007) foi em seu trabalho sobre o desenvolvimento da moral da criança e da inteligência. Nesses estudos Piaget relaciona os vários estágios da inteligência e da moral, que surge de um conceito de subordinação e dependência da lei e da justiça até um conceito que o próprio indivíduo constrói desses termos. Os estudos de Piaget foram importantes para a psicologia da religião, pois paralelamente aos seus estudos ampliaram-se os conceitos de Deus, os de pertencimento religioso e as crenças relacionando-os aos estágio de inteligência desenvolvidos por Piaget.

Em seqüência ao trabalho de Piaget, L. Kohlberg professor da Universidade de Harvard em 1950 concentra sua pesquisa no desenvolvimento moral utilizando a narrativa de histórias que continha problemas éticos. Os resultados de sua pesquisa demonstraram que o processo de desenvolvimento moral é mais lento do que Piaget colocara, dado que o processo de ganho de autonomia nos indivíduos também é lenta.

Capítulo 2- O lugar do sagrado para os contemporâneos da psicologia da religião

Como apresentado até o momento os esboços e tentativas de observação do comportamento religioso datam até mesmo antes do surgimento da psicologia. Dentro dessa linha do tempo considerarei o termo “contemporâneo”, incluindo os teóricos que se desenvolveram junto com essa ciência considerada jovem que é a Psicologia. Sendo assim contemporâneos considerarei os que vieram a partir de Freud.

Como não existe uma única teoria psicológica da religião, antes temos uma pluralidade de aspectos possíveis de serem observados no comportamento religioso, explorarei nesse capítulo alguns desdobramentos da Psicanálise para a compreensão de aspectos da religião, religiosidade e espiritualidade.

Algumas teorias relacionadas à religião são conhecidas como as que Freud desenvolveu. Em sua análise Freud (1907) coloca que a prática religiosa é originária de uma neurose obsessiva universal. Diante disso Freud acreditava que tanto o neurótico obsessivo quanto a pessoa religiosa buscariam a salvação e se autoavaliavam grandes pecadores.

Um pouco mais adiante Freud (1927) analisa a religião sob o aspecto do desejo humano. Segundo Palmer (2001) Freud ao dizer que a religião é uma ilusão ele não afirma necessariamente que as religiões são falsas, mas antes ela tem que satisfazer os desejos de quem crê. Ainda no contexto da ilusão ele associa a religião como uma recusa da aceitação da condição humana, dessa forma esse desamparo infantil necessita de um “Deus” que estaria a serviço de uma função paterna.

Alguns teóricos da psicologia, aqui especificamente da psicanálise ao observarem o comportamento trouxeram indiretamente contribuições também para o aspecto religioso.

Nesse caso cita-se Bion que se utilizou de um senso religioso-místico para explicar a dinâmica de suas teorias e Winnicott ao relacionar a religião e arte como objetos transicionais.

Pode-se dizer que as teorias que aqui serão apresentadas não trazem a totalidade do que se observa, contudo são apresentados aspectos da realidade.

Existem pelo menos sete teorias contemporâneas que já foram pesquisadas no campo da Psicologia da Religião, que são teorias que se complementam uma às outras vertentes e são as que mais aparecem nas pesquisas contemporâneas.

As teorias desenvolvidas no contexto do consciente são a da Psicologia Narrativa, a teoria da atribuição da causalidade, a teoria das representações sociais, a teoria do apego, a teoria cultural e a teoria evolucionária. No contexto do inconsciente, a teoria das relações objetais desenvolvida por Winnicott.

Nesse capítulo eu quero me delimitar ao levantamento de algumas teorias clínicas e de teorização psicanalíticas contemporâneas relativas ao inconsciente para a compreensão do comportamento do indivíduo relativo ao sagrado. Vale ressaltar que a religião não foi objeto de estudo de nenhum desses teóricos, no entanto os elementos da religião e da cultura foram aspectos considerados na formulação de suas teorias.

Dentre os teóricos existem os que desenvolvem a perspectiva pulsional influenciado por Freud, contudo para se estudar a clínica teórica psicanalítica a fim de compreender o indivíduo religioso a perspectiva relacional oferece novos paradigmas. Posto que o deslocamento na clínica de uma teorização pulsional para a relacional tem oferecido novos paradigmas, modelos e pontos de vista para a compreensão do indivíduo em relação à religião.

Segundo Aletti (2004) quando o foco de observação da religião foi trocado da verdade para uma perspectiva relacional, a religião começa a ser observada como um sistema de objetos internos, que desenvolvem uma função de “continentes” dos sentimentos, pensamentos e fantasmas elaborados pelo indivíduo.

Aos que desenvolvem temos Bion que enfocou a psicanálise sob um vértice de observação místico-religioso, provavelmente influenciado por suas experiências com o hinduísmo. Outra importante contribuição foi a de Winnicott ao relacionar a dinâmica da construção da realidade externa à pessoa, nesse sentido ele utiliza aspectos da arte e da religião ambas expressões de um processo de ilusão.

BION- Período Religioso Místico

A obra de Bion segundo Zimmerman (2004) é caracterizada por ser longa, instigante ao mesmo tempo em que é cansativa e fascinante, pois requer que se volte inúmeras vezes aos mesmo textos já lidos para que se compreenda as correlações que Bion se propõem.

Com relação ao período místico-religioso de sua obra que aqui nos interessa, cita-se ainda três períodos anteriores que pode-se dividir as obras de Bion. Sendo assim, a obra de Bion se divide em diferentes prismas de observação da psicanálise.

Ele inicia na década de 1940 trabalhando aspectos dos grupos, já na década de 50 desenvolve a de psicóticos, na década de 60 desenvolve o período epistemológico e por fim na década de 70 o religioso-místico que daremos maior ênfase nesse estudo.

Em sua obra Conferências Brasileiras (1973) ao responder a pergunta como proceder clinicamente na prática do problema do “amanhã” que se relaciona ao futuro, Bion traz declarações acerca da religião. Para o autor os psicanalistas têm se mostrado “cegos para o tópico da religião” (p.18). Nessa Conferência ele discorre que desconsiderar a religião da vida humana é como se imaginar um homem sem tubo digestivo, algo parecido com um monstro.

Até chegar ao período místico-religioso ele enfocou três dimensões psicanalíticas que foi a científico- matemática e estético-artística.

De modo geral, a literatura psicanalítica que se dedica à obra de Bion pouco ou quase nenhum interesse tem demonstrado por modelo religioso místico, o que representa um evidente paradoxo, visto que os estudiosos de sua obra reconhecem que esse é o ponto alto de sua originalidade e representa uma espécie de eixo, um pano de fundo, em torno do qual Bion fundamenta os outros dois modelos, o científico e o estético, assim possibilitando a abertura de novas concepções psicanalíticas e de novos vértices que norteiam o modo como Bion pensa e pratica a psicanálise. (ZIMERMAN, 2004, p.175).

Ao desenvolver o enfoque de observação místico- religioso da psicanálise, deve-se considerar a vivência de Bion no hinduísmo, ou seja no misticismo oriental e potencializada pela influência de sua ama indiana Ayah durante seus primeiros sete anos de vida . Toda essa atmosfera contribuiu pelo interesse de Bion por desvendar os mistérios da mente e do espírito. Bion recebeu influências de grandes pensadores como Platão, Immanuel Kant, São João da Cruz, Santo Agostinho, Hume, Bacon e os trechos do Bhagavad Gitá (livro sagrado dos hinduístas).

Bion estabelece relações do místico da ciência e da religião. Para ele o místico é tido aquele que ameaça por suas idéias novas à estrutura vigente consolidada até o momento. Quando isso acontece no âmbito da ciência este é tido como um “gênio”, contudo se for ao campo da religião ele é considerado como “místico”.

O destaque que ele dá se relaciona ao misticismo que ele considera existir tanto na psicanálise como na Religião, nesse sentido ele também exerce algumas críticas contra os alguns setores da psicanálise que fazem um uso do método de forma radical.

Para ele tal como a Religião, a Psicanálise já existia antes da genialidade de Freud.

Os filósofos já faziam especulações acerca dos aspectos da mente e da alma. Nesse sentido Freud deu forma em sua prática e observação dentro de um contexto médico. Contudo para ser seguidor desse modelo e prática psicanalítica, cada psicanalista deve se utilizar de um “aparato” de conhecimentos desenvolvidos por um gênio, e estes deve exercer lealdade aos preceitos psicanalíticos, isto para Bion muito se assemelha ao conservadorismo religioso assim como a resistência às idéias novas.

A partir desse novo vértice, fundamentalmente mais religioso, Bion trocou o aspecto quantitativo das distintas manifestações da fenomenologia psíquica por uma ênfase nos aspectos qualitativos, os quais, em sua essência não mudam. A partir dessa dimensão religiosa, Bion nos apresenta a seguinte visão da psicanálise: “no mundo existem grandes idéias que são descobertas por “pensadores” e são transmitidos para ser pensadas por não pensadores”. (ZIMERMAN, 2004, p.177).

Bion ao trabalhar na comparação e aproximação da Psicanálise e a Religião esta relaciona em certo “misticismo” presente em ambas. No caso o termo misticismo utilizado por ele não se refere aquele presente em religiões mais primitivas, contudo ele recorre ao mesmo termo em sua obra Atenção e Interpretação no capítulo “O Místico e o Grupo” em que ele analisa o termo sob alguns aspectos.

O “Místico” se refere aquelas pessoas notáveis possuidoras de um talento especial que possuem uma visão ampliada tal como o cientista Newton, este que também dava atenção aos aspectos místicos e religiosos, foi rejeitado por isso, contudo suas formulações matemáticas podem estar relacionadas à abertura deste para os aspectos místicos e religiosos os quais ele foi duramente criticado.

Por conveniência usarei o termo “místico” em relação à estes indivíduos excepcionais. Incluo cientistas, e Newton é exemplo destacado de tal homem: suas preocupações místicas e religiosas foram rejeitadas como uma aberração quando deviam ter sido consideradas a matriz de onde suas formulações matemáticas evoluíram [...] Será surpreendente se a qualquer altura de sua carreira um místico verdadeiro não for considerado niilista místico por maior ou menor proporção do grupo. (BION, 1973, p.70).

O trabalho de Bion avançou para alguns conceitos os quais ele foi fortemente influenciado pelo filósofo Immanuel Kant, que discutiu a noção da “coisa em si mesmo”. Para Kant o homem não pode conceber o mundo como ele é “em si, só se pode conceber o mundo como ele é “para mim”, portanto para os homens”. A partir dessa reflexão Deus não seria objeto de análise, no entanto o relato do paciente sobre sua relação e representação de Deus pode ser considerada nesse caso.

Zimerman (2004) levanta que uma das maiores contribuições de Kant para a filosofia é a diferença que Kant estabelece entre as “coisas em si” e as “coisas para nós”.

A partir de Kant, Bion contribui dizendo que nunca saberemos como as coisas são em si, só podemos acessar como ela se apresenta para nós, isso traz a percepção como as coisas podem ser percebidas por toda a raça humana.

[...] é possível contar algo a respeito do modo como os seres humanos pensam, mas é duvidoso que lhes contem algo sobre as “coisas em si”. Se existe uma coisa-em-si, coisa a que Kant chamaria de “númeno”, tudo o que podemos saber se refere a fenômenos relacionados à coisa-em-si, que se evidenciam quando encontram a mente humana que tenta conhecer o desconhecido. (BION,1992, p.50).

Na teoria Bioniana o analista trabalha com conceitos de O (númeno), o qual o radical *nume* significa a divindade mitológica. A palavra númeno se refere a “coisa em si mesmo” que é simbolizado por O, que seria a origem dos fatos psíquicos, que influenciado por Kant, Bion nomeia de “coisa em si mesmo”, que é o que não se permite conhecer.

Mudando o vértice e recorrendo às religiões, podemos dizer que o pressuposto é o de haver uma Natureza Divina (correspondendo ao númeno) sobre a qual nada sabemos, mas pensamos saber algo sobre Deus quando chegamos ao domínio dos fenômenos. Em terminologia religiosa, há um númen que pode ser numinoso, e um ômen que poder ser ominoso. A pessoa religiosa diria que os psicanalistas só estão investigando os fenômenos e que, em consequência, coisas tais como os sonhos, os pensamentos, as idéias, as estórias como a de Édipo são muito superficiais.

Podemos inferir nesse sentido que Bion trabalha com a possibilidade do analista trabalhar com o que é real para que ele seja *uno* com o paciente, ou seja só se alcança a inteireza do paciente quando o analista se liga aos acontecimentos atuais, mesmo que tais acontecimentos passem pelos sentidos do analista. Isto para Bion é a transição entre conhecer a realidade e tornar-se realidade.

De acordo com Aletti (2004):

Na psicanálise, a religião é um dito (mas também um não-dito: negado, removido, isolado, deslocado...) enraizado em um vivido cuja relação com a palavra que o diz é sempre inédita e insaturada, segundo um modelo assintótico (p.37).

Na relação de vínculo com o paciente, o analista desenvolve uma relação O-K que vem do termo em inglês Knowledge. Tal conceito desenvolvido por Bion é o conhecimento manifesto que ele nomeia de K, este vai se transformando em direção ao O, contudo existe uma transformação em sentido contrário, partindo de O rumo a K.

Disso decorre a idéia que Bion traz acerca das transformações no vínculo analítico que atravessam de K para o O, e vive versa, pois na situação analítica existe uma movimentação de idéias, imagens, sentimentos que se origina na desconhecida “coisa em si mesmo” até a apreensão do conhecimento consciente que seria o K.

A partir dessa reflexão pode-se dizer que o psicanalista apreende através dos sentidos, o que o paciente diz, contudo não se pode conhecer o O até que o torne manifesto por intermédio de sinais dos acontecimentos trazidos pelo paciente.

Esta idéia contribui para que a relação que o analisando estabelece com o “sagrado”, expresso em sua religiosidade e/ou espiritualidade pode ser intermediado pelos sentidos do analista que ao se deparar com os símbolos expressos na religiosidade e/ou espiritualidades do analisando, estes acabam por contribuir para se chegar ao conhecimento consciente que é o K. Para isso é necessário fazer uma distinção entre o saber e o conhecer.

Segundo Zimmerman (2004) para Bion na relação psicoterapeuta e paciente quando descreve o fenômeno das *transformações*, o tratamento analítico e se difere no sentido de propor não só uma resolução de conflitos, contudo o psicoterapeuta deve possibilitar um estado mental com seu paciente, que propicie canais de comunicação que extrapolam ao que é percebido ou captado pelos órgãos dos sentidos.

Geralmente somos capazes de compreender a experiência sensorial; na medida em que podemos usar nosso contexto físico, podemos compreender certas coisas. Podemos compreender, por exemplo, que eu sou Bion. Mas aqui está o ponto desorientador no que toca às imagens visuais. Como resultado de pensar que sabemos quem ou o que Bion é, podemos achar que conhecemos tal caráter, pois, por sermos mal dirigidos pelo poder de nossa visão, podemos, por conseguinte, pensar que o caráter de Bion termina em sua pele. De fato, todo psicanalista deveria ater-se ao sentimento de que, se existe algo como a mente, ou o caráter, ou a personalidade, não se poderia pressupor que isso correspondesse à formação física. Todos nós, na sessão analítica, precisamos indagar por que pensamos que existe uma personalidade naquele corpo ali. (BION, 1973, p.34).

Segundo Bion (1973) na prática da psicanálise o paciente fará um enunciado que consistirá em duas partes: uma parte é aquela que o paciente já sabe a outra parte se expressa na tentativa de formular o conflito o qual ele pede ajuda. Nesse momento é que se desenvolve o que Bion enuncia de “transformações” que é lidar com algo primitivo e fundamental como distinguir essa narrativa que contém uma linguagem e uma simbologia própria.

Nessa relação analista e paciente se estabelece emoções e pensamentos provocados tanto pelo analista ao analisado ou vice-versa. Na situação analítica Bion destaca que o analista deve se atentar para as transformações que ocorrem de K para O, e as de O para K, processo que é mediado pelo trânsito de imagens, idéias, pensamentos e sentimentos que surge desde a “coisa em si mesmo” que é o desconhecido até a apropriação do “conhecimento” que é aqui se diz “transformações”.

De acordo com esse processo Mello Filho (2004) ressalta o quanto o referencial psicanalítico pode ser utilizado para a abordagem da experiência com o sagrado:

As figuras paternas, maternas, benevolentes, premiadoras, castigadoras, portadoras de vida e morte, que expressam a divindade, coexistem no arquivo de nossas experiências religiosas e são convocadas amiúde nas mais variadas situações existenciais e em combinações mais diversas (p.304).

Tanto Bion como Winnicott trabalhou de forma diferente no campo da interpretação criativa, sendo essa a via que aproxima paciente-analista. Para Bion o script desconhecido pelo analista e paciente, acaba fazendo com que o analista interprete o papel que o paciente lhe outorgou. Se o analista se dispuser nessa atribuição de papéis cria-se um espaço para essa intersubjetividade acontecer.

Nesse sentido a religião ou a espiritualidade podem aparecer nessa atribuição de papéis que o paciente dá ao analista. As articulações que o paciente faz e as observações podem se relacionar às imagens e devaneios de sua própria espiritualidade e ou religiosidade, que nesse sentido torna-se necessário o processo criativo que Bion traz como uma esforço para adentrar a essas emoções e pensamento do paciente.

Bion (1997) discute que o criador do processo criativo no caso o analista precisa ter certo domínio do conhecimento das áreas onde se dá tal processo.

Ao se analisar os aspectos da espiritualidade e ou religiosidade o analista precisa ter um conhecimento dos significados para que assim o paciente compartilhe a ele os seus significados. Para isso se faz necessário dois momentos que primeiro é buscar no estranho, elementos familiares, ou seja, pontos em comum, e segundo são tornar o familiar estranho, que aqui seria liberta-se dos preconceitos das crenças ou percepções de fé e espiritualidade colocadas pelo paciente ou até do senso-geral.

Experiências mais primitivas de etapas mais arcaicas na formação do psiquismo podem ser transformadas e integradas pelas novas vivências das pessoas. Nesse momento é possível para o indivíduo realizar uma formulação pessoal das religiões presentes na cultura, o que o leva a ter na situação religiosa a vivência do sagrado (Safra, 2004, p.78).

Nesse sentido pode-se falar de um desenvolvimento do sentimento religioso, que se relacionam as primeiras imagens do divino em uma criança, tais como sentimentos de potência, poder, força, alegria, medo até que em um determinado momento do processo maturacional essas primeiras imagens integra-se às imagens divinas presentes no psiquismo humano.

Dessa forma o sentimento religioso pode ser concebido ao longo do processo de vida do indivíduo, sendo que as primeiras imagens do divino sofrem mutações decorrentes das relações afetivas com pessoas significativas, daí a necessidade do indivíduo ter instrumentos psíquicos e cognitivos para sua experiência do sagrado.

Bion não divide a vida em linhas da religião, estética, ou a ciência, para ele tais aspectos se relacionam a fenômenos, que aí fica a tarefa para os psicanalistas que assim como Freud deve-se investigar os fenômenos.

Não creio que a vida real tenha quaisquer divisões como de religião, ou estética, ou ciência, como não há uma linha divisória entre o hemisfério norte e o hemisfério sul. Essa linha lhe conta algo sobre a mente humana. Tais categorias lhe contam algo a respeito do modo como os seres humanos sofisticados pensam, mas é duvidoso que lhe contem algo sobre as coisas em si, coisa a que Kant chamaria de númeno, tudo que podemos saber refere-se a fenômenos. [...] O homem religioso diria: “Existe, em realidade, Deus”. (BION, 1975 p.50-51).

A partir dessa reflexão, podemos dizer que é necessário uma abertura à compreensão dos fenômenos que atravessam o espaço analítico, os assuntos relacionadas às artes, cultura e religião aparecem carregados de símbolos que muitas vezes superam a racionalidade.

Podemos compreender com base em Safra (2004) que na situação clínica cada indivíduo tem um idioma pessoal. Cada paciente tem uma representação do divino, que serão formuladas as idéias que estes têm sobre Deus, diante de tal fato tornam-se imperativo que o analista possa falar com seu analisando no idioma pessoal do paciente.

Dessa forma para compreender o sentido do que é sagrado ao paciente, compreender as representações e significações presentes nesse idioma pessoal, contribui para a compreensão da relação deste com o sagrado.

De acordo com Brusca (2008) as infinitas possibilidades de existência humana expressas nos símbolos, alegorias, metáforas e silêncio podem ser encontrados por cada um no seu ritual, na sua arte e na sua poesia.

Na entrega do analista aos fenômenos sagrados que são apresentados pelo seu paciente na clínica, abrem-se caminhos para uma experiência de transformação de sentidos e uma possível ampliação do espaço mental.

Winnicott- Teoria das relações objetais

A contribuição de Winnicott para a psicanálise é desenvolvida a partir de novos paradigmas epistemológicos, fruto de sua experiência de prática pediátrica especializada no aspecto psicológico da criança. Esses novos paradigmas partem de uma perspectiva relacional da criança observada na prática pediátrica em que a figura do indivíduo não aparece, o que aparece é sempre a *criança-com*, expressa por uma figura de cuidado.

Na perspectiva Winnicottiana (1988) todo o ser humano possui uma tendência inata ao desenvolvimento e à realização pessoal, nesse sentido o ambiente surge como aquele que deve propiciar ao indivíduo condições necessárias para tal desenvolvimento, que são nomeadas de condições suficientemente boas.

Para Winnicott os sentidos de realidade são vivenciados ao longo de todo o processo maturacional, em cada etapa do desenvolvimento do nascimento até a morte. Dessa forma o sujeito experimentará diferentes sentidos de realidade, e nesse caso o autor enfatiza que toda pessoa irá recriar o mundo a partir de si mesmo, devido a sua singularidade e também de acordo com suas experiências intersubjetivas com o outro.

Diante disso a capacidade humana de criar e recriar o mundo tem na ilusão um ingrediente que faz parte da constituição da realidade subjetiva do sujeito. Dessa forma, a ilusão é também um fenômeno da capacidade criativa do ser humano, que pode criar a partir de sua própria experiência de ser e existir ao contrário de um auto-engano ou um desvio da psique.

De acordo com Winnicott (1971): através da apercepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida (WINICOTT, 1971, p.95)

Em um processo análogo a relação mãe-bebê, a mãe suficientemente boa é aquela que se adapta às necessidades de seu bebê. Nesse sentido a mãe será aquelas que lhe oferece a ilusão de que o alimento estará disponível sempre que necessitar, criando uma ilusão de uma realidade externa que corresponde à capacidade de criar.

Contudo, será a mãe que oferecerá a frustração ou a desilusão ao bebê quando tiver que se ausentar. Nesse momento surge uma área de tensão inerente a percepção objetiva da realidade de que lhe falta algo, e é exatamente algo entre a realidade interna e externa do

indivíduo, que é uma área intermediária que oferece alívio à tensão da criança que é o “brincar”.

O brincar é um fenômeno transicional, que é uma realidade interna ou externa (compartilhada) que permite à ilusão de que aquilo que ele cria realmente existe.

Dessa perspectiva que Winnicott discorre sobre uma importante contribuição à área psicanalítica que é o espaço potencial, esta que é dita como uma área nem subjetiva, nem objetiva, contudo é a base para a vivência dos objetos e fenômenos transicionais.

Essa área intermediária da experiência, incontestada quanto a pertencer à realidade interna ou externa, constitui a parte da maior da experiência do bebê e, através da vida, é conservada na experimentação intensa que diz respeito às artes, à religião, ao viver imaginativo e ao trabalho científico criador. (Winnicott, 1975, p.30).

Os objetos transicionais na vida da criança como (carrinhos, bonecas, ursinhos, palavras ou rituais) dão início a uma relação entre o self e o mundo externo e isso se perdura até a vida adulta.

Nesse sentido a discussão não se faz acerca do que pode ser revelado, ou o que é de fato ou fantasia, contudo a partir do processo de ilusão inicial que surgirá o sentido de confiabilidade e previsibilidade dos aspectos do ambiente que são necessários para o desenvolvimento da psique e a saúde mental.

Winnicott (1963) trabalha com a importância que tem a experiência de “crer em” para a criança que não se ensina de forma pedagógica, contudo a partir da experiência. Nesse sentido ele também faz críticas quando não se respeitam a singularidade da criança, ao se impor determinadas doutrinas morais e teológicas que não são acessadas à criança.

Conforme Aletti (2004) a experiência transicional não é restrita apenas à vida da criança, a ilusão na vida adulta se faz a partir das próprias fantasias, relacionam-se a coisas, pessoas, pensamentos, afetos, percepções estéticas e fé religiosa.

Assim, quando um psicanalista sustenta que, psicologicamente falando, a representação de Deus é um objeto transicional ilusório, com aquela explícita referência ao modelo winnicottiano, não pretende decerto dizer que Deus seja uma espécie de grande Winnie-The-Pooh, um ursinho de pelúcia agigantado, à maneira do “pai mais poderoso” da ilusão freudiana. Mas refere-se ao processo psíquico mediante o qual uma certa representação de Deus se formou e é usado pelo sujeito, processo assumido como análogo ao da formação dos objetos transicionais da infância (Aletti, 2004, p.20).

De acordo com esse autor essas ressonâncias da representação de Deus nos indivíduos, podem se apresentar como uma tarefa ao psicólogo tematizar a relevância do

vivido religioso na estruturação e reestruturação da personalidade. Sendo que as formas adaptativas ou as deformações patológicas desadaptativas, provenientes daquilo que ele considera como sagrado, transpassa o psicólogo não no conteúdo, mas nos percursos e processos em jogo.

Outro aspecto que Winnicott parte de sua teoria das características gerais do desenvolvimento do self, se relaciona aos cuidados pré-verbais que é a maneira como a criança é segurada nos braços. Nesse sentido a experiência “pré-verbal” que é expressa na forma como a criança é abraçada se relaciona ao processo maturacional da confiança, que será a base para a experiência de se “crer em” e também da capacidade de ficar sozinho.

Também o surgimento da religiosidade individual é visto em função de (e em continuidade com) as características gerais do desenvolvimento do self. Basta recordar que, em 1967, chamado a proferir uma conferência sobre a evangelização na família, surpreendeu o auditório falando quase exclusivamente dos cuidados pré-verbais, a partir da importância decisiva da maneira como a criança é segurada nos braços. Só um “ambiente facilitador” que se pode resumir na expressão “mãe suficientemente boa”, e daí confiável, permite aqueles processos de amadurecimento e de crescimento na confiança (ALLETI, 2004, p.10)

Winnicott (1971) desenvolve a importância de sempre nos indagarmos sobre o papel que representamos para o paciente ou o que ele quer que representemos, é nesse sentido que Winnicott trabalha com a idéia de que estamos sendo criados pelo paciente como objetos subjetivos dele.

Essa idéia pode ser comparada quando ao entrar-se em contato com uma obra de arte, o que se capta dela é a transformação que se faz a partir dela, portanto esta acaba por ser uma criação nossa.

Vale ressaltar que Winnicott nunca se interessou pela religião como seu tema principal, porém ele sempre traz à religião entre os inúmeros fenômenos transicionais do mundo adulto, assim como a arte e a filosofia.

PARTE 2- APRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA DA PESQUISA

OBJETIVOS

2.1. PROBLEMA

As teorias e abordagens da psicologia contemplam o atendimento psicológico das experiências religiosas do paciente?

2.2. OBJETIVO GERAL

Conhecer o manejo do psicólogo na condução das questões religiosas dos seus pacientes.

2.3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar o status da Psicologia Social da Religião e suas contribuições para a clínica psicológicas
- Identificar como as Teorias da Personalidade Psicodinâmicas e Comportamental-Cognitiva, compreendem as questões religiosas na clínica psicológica.
- Investigar como as práticas e crenças religiosas dos pacientes são analisadas e trabalhadas pelos psicólogos contemporâneos, e qual a influência delas ao processo terapêutico.

2.4. HIPÓTESES

O presente trabalho parte do pressuposto que os caminhos metodológicos para a compreensão da religiosidade e espiritualidade não são investigados pelos psicólogos em formação. Dessa forma, tem-se como hipótese ao problema de pesquisa:

1-) A Psicologia da Religião ao estudar os fenômenos religiosos que são constituídos por crenças, práticas e culturas oferecem uma visão interdisciplinar construindo pontes que possibilitam a compreensão de tal fenômeno através das várias abordagens da psicologia

2-) A apropriação da linguagem das diferentes abordagens da Psicologia pelo psicólogo, podem contribuir para compreensão da dimensão psíquica que envolve o campo religioso.

3-) É possível que todas as abordagens da Psicologia ofereçam em sua linguagem uma escuta para o lugar do sagrado e o conhecimento e a valorização de tais crenças podem colaborar para uma maior aderência à psicoterapia e melhores resultados das intervenções.

4-) O psicólogo em formação ou em atuação ao se apropriar dos conceitos da Psicologia da Religião, poderá desenvolver habilidades no manejo clínico com profissionalismo ético que corresponde a normativa do conceito de saúde integral.

2.5. RELEVÂNCIA /JUSTIFICATIVA

A partir dos dados apresentados na revisão de literatura desenvolvida neste trabalho, a pesquisa ao analisar o lugar do sagrado nas abordagens da psicologia dos clássicos e dos contemporâneos, tal entendimento associados à Psicologia da Religião poderá ser auxiliadora na compreensão da religiosidade e espiritualidade que também é parte da dimensão psíquica humana. Conforme Aletti (2004) a psicologia da religião é o estudo do que existe de psíquico na religião.

De acordo com Paiva et al (2009) em seu artigo:

A Psicologia da Religião consiste no estudo do comportamento religioso, isto é, do comportamento que refere a um objeto transcendente, denominado “Deus” na cultura ocidental. Para a Psicologia da Religião, esse comportamento pode ser de aceitação ou de rejeição do objeto transcendente, e esse objeto pode receber diversas outras denominações, além da predominante na cultura ocidental (Paiva et al, 2009, p.441)

A pesquisa também é relevante socialmente ao considerar os dados do censo de 2010 no Brasil, divulgados em 2012 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística), que demonstra em seus resultados desde o último censo, em 2000, um declínio da Igreja Católica, o crescimento das religiões evangélicas e do número de pessoas que se declaram sem religião.

A composição religiosa brasileira se modificou nos últimos dez anos, embora a religião católica predomine, e faz com que o Brasil continue sendo a maior nação católica do mundo.

Dados recentes do IBGE indicam que 86,8% da população brasileira são cristãs, tal fato indica que existe a influência da religião na vida dos sujeitos, que juntamente com seus pressupostos históricos, morais e culturais refletem no comportamento dessa população.

Durkheim, 1989; Weber (2004); e Marx (2003) se utiliza do fato religioso para explicar os mecanismos do trabalho, da economia e da vida política em seus desdobramentos, sendo que só é possível compreender uma cultura considerando os aspectos religiosos transmitidos em seu processo histórico.

O território religioso brasileiro é composto também de especificidades territoriais, que remetem ao seu processo histórico de imigração e migração, e como consequência formou-se concentrações de grupos religiosos diferentes em todo o Brasil.

Conforme os dados do IBGE (2012) o processos de adesão da população católica a outras religiões que não a católica, se mostra um fenômeno crescente no cenário brasileiro. Esse cenário de expressivo trânsito religioso precisa ser melhor analisado, dado que no futuro será possível se deparar com um Brasil mais diversificado no sentido religioso, e, isto colocará novas compreensões acerca dos aspectos da cultura, dos valores, das leis e do comportamento dos indivíduos.

O aumento da participação dos Psicólogos nos serviços públicos de assistência a Saúde Mental requer que a atuação desse profissional se apodere de suas abordagens, para a construção de estratégias psicoterápicas que valorizem a religiosidade e a espiritualidade, de forma que possam avaliar e investigar a sua eficácia no tratamento.

De acordo com Reis (1994) a crescente mobilização para criação de serviços de assistência em Saúde Mental, que tem como consequência a implantação de psicoterapias individuais e grupais no contexto do serviço público, colocará ao psicólogos a exigência de uma atuação que avalie se a experiência religiosa dos indivíduos está contribuindo para a integração do sujeito.

O aumento da oferta de serviços na área de saúde mental significa reconhecer a importância do sofrimento psicológico como óbice para o bem estar da população e o direito que ela tem de poder contar com o que há de melhor no campo das terapêuticas pra enfrentá-lo. Mais ainda: possibilita que muitas situações conflitivas ou mal-estares psíquicos que de outro modo seriam vividos como fatalidade ou remetidos a causas e soluções equivocadas (místico-religiosas, político-ideológico etc.) sejam enfim reconhecidos por profissionais habilitados e tratados de modo mais adequado, quer através de técnicas psicoterápicas, quer através do uso de instrumentos como medicamentos específicos e bem administrados". (Bezerra Jr., 1987, p. 136).

De acordo com Amatuzzi, (1999); Peres (2007), a experiência religiosa pode ser saudável do ponto de vista psicológico quando promove a integração dos recursos pessoais e o dinamismo da pessoa, nesse cenário de psicoterapias individuais e grupais no contexto do serviço público.

Nesse contexto o psicólogo pode ser o profissional da saúde, que ajudará a analisar e investigar se religiosidade e/ou a espiritualidade está contribuindo para essa integração. A

tarefa do psicólogo será de observar a relevância do vivido religioso, investigar o quanto dessa vivência estrutura ou reestrutura a personalidade do sujeito, considerando que como qualquer vivência, esta não está isenta de deformações patológicas, vulnerabilidades que podem culminar no uso fetichista do objeto religioso.

A relevância pessoal se dá pelo interesse da pesquisadora na temática da religião, que como graduada em Administração de Empresas e executiva atuando em empresas multinacionais, já observava no desenvolvimento das políticas de recursos humanos, estratégias que contemplavam o aspecto da espiritualidade de seus colaboradores, sendo este um aspecto que influenciava na produtividade dos colaboradores.

Posteriormente como aluna de graduação de Psicologia, o seu interesse sob a perspectiva da Psicologia da Religião se deu na constatação da carência de informações acerca das questões da religião, espiritualidade e religiosidade dos pacientes, que não foi disponibilizada na grade curricular de seu curso como uma disciplina a ser cursada.

3. METODOLOGIA

Para desenvolver essa pesquisa, farei um estudo de cunho teórico com pesquisa bibliográfica, que terá como objetivo conhecer quais os pressupostos teóricos relacionados aos aspectos da religião, espiritualidade e religiosidade dos sujeitos para os clássicos e contemporâneos da psicologia.

Esses dados serão organizados e os resultados apresentados em forma de texto nas considerações finais apontando um resumo dos pressupostos teóricos encontrados na revisão bibliográfica.

3.1- Participantes

Participaram do estudo 30 psicólogos com idade entre 23-50 anos atuantes na clínica psicológicas na cidade de São Paulo.

- 14 (quatorze) eram psicólogos entre 23-30 anos,
- 11 (onze) eram psicólogos entre 31-40 anos,
- 5 (cinco) eram psicólogos entre 41-50 anos.

Os critérios de inclusão foram a atuação clínica, e tempo de atuação clínica podendo ser recém-formado desde que já tivesse atuação clínica.

3.2- Instrumentos

No estudo foi utilizado o questionário com perguntas diretas e de múltipla escolha e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Os sujeitos foram convidados para participação na pesquisa por contato pessoal ou pela internet através de lista de emails da pesquisadora e de amigos que repassaram o convite, também foram utilizadas as redes sociais (Facebook). Após o convite inicial ser feito e aceito, seguiu-se com a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Questionário a ser respondido.

Quanto à compilação, tabulação e frequências foram feitos manualmente com uso de tabelas demonstrativas e o cruzamento das variáveis.

PARTE 3: APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

1- IDENTIFICAÇÃO DA AMOSTRA

Essa amostra é representada 80% por mulheres jovens com idade entre 23 e 30 anos, basicamente Cognitivistas ou Psicanalistas, a maioria com tempo de exercício da clínica de até 5 anos. Em relação à investigação a respeito do conhecimento dos clássicos em psicologia da religião 63% afirmaram não conhecê-los e 90% dos entrevistados nunca estudou nem os clássicos nem o manejo da experiência religiosa pela psicologia durante sua formação de graduação como psicólogo.

1.1 – Tabela quanto ao gênero

GÊNERO	N=(30)	%
Feminino	24	80
Masculino	6	20

1.2- Tabela quanto à faixa etária

IDADE	N=(30)	%
23-30	14	46
31-40	11	36
41-50	5	16
< 51	0	0

1.3- Tabela quanto ao tempo de exercício

TEMPO DE EXERCÍCIO	N=(30)	%
Até 5 anos	16	53
6-10 anos	9	30
11-20 anos	3	10
< 20 anos	2	6,6

1.4- Tabela quanto à abordagem teórica

ABORDAGEM	N=(30)	%
Psicanálise	8	26
Junguiana	5	16
Comportamental	10	33
Humanistas	1	3,3
Outras	6	20

2-CATEGORIAS DE ANÁLISE DA AMOSTRA

Tabela 2.1- Categorias dos que conhecem os clássicos da Psicologia da religião

Categorias dos que conhecem os clássicos da psicologia da religião	N=30	N=30	N=30	N=30
	SIM	NÃO	SIM (%)	NÃO (%)
Conhece os clássicos da Psicologia da religião	11	19	37	63
Estudou o manejo da experiência religiosa na graduação	5	26	16	90
Fizeram especialização	23	7	77	23
Estudou o manejo da experiência religiosa na pós-graduação ou especialização	7	18	30,4	78,2
Considera a religião tema importante à ser considerado na terapia	29	1	96	4

Tabela 2.2- Categorias de análise

	N=30 N	%	N=30 AV	%	N=30 MV	%	N=30 F	%
O psicólogo já se defrontou em sua prática clínica com a experiência do sagrado trazida pelo paciente?	7	23,3	17	56	3	10	3	10

N= não; AV= às vezes; MV= muitas vezes; F=Freqüentemente

Tabela 2.3- Categorias de análise

Quando trazido pelo paciente a experiência com o sagrado qual perspectiva teórica foi utilizada pelo psicólogo?	PSIC	JUNG	COMP	HUM	OUTRAS
N=(30)	7	4	6	5	3
%	23	13	20	16	10

* Psicanálise, Jung, Comportamental, Humanistas e Outras

Dessa forma entre esses 37% que afirmaram conhecer os clássicos da psicologia da religião, apenas 10% diz ter estudado o manejo da experiência religiosa na formação. Em função disso aparece uma diferença de 27% dos entrevistados que conhece os clássicos, contudo não estudaram em sua formação, podendo inferir com isso que estes 27% devem ter buscado esse conhecimento em cursos de pós -graduação ou por conta própria.

A maioria dos nossos entrevistados 77% deles realizou uma especialização, no entanto 69% não estudaram o manejo da experiência religiosa na especialização. Ao todo dos que fizeram especialização apenas 30% estudaram o manejo da experiência religiosa na especialização.

Ainda que embora a grande maioria não conheça os clássicos, não os estudou nem na graduação nem pós-graduação, 96% da nossa amostra consideram a religião um tema importante de abordagem e de trabalho na prática clínica.

Destes 96% que consideram a religião como tema importante, 76% afirmam que em sua prática clínica os pacientes já trouxeram a experiência com o sagrado como objeto de análise por seu paciente.

Entre os psicólogos que afirmaram em sua prática clínica o paciente ter trazido sua vivência religiosa como objeto de análise, 23% utilizaram-se da Psicanálise como abordagem teórica, 20% com a cognitiva-comportamental, 16% com as Humanistas, 13% com as bases teóricas de Jung e 3% com Outras teorias não especificadas.

Curiosamente a maior parte dos entrevistados dessa amostra declarou-se Comportamental Cognitivista, contudo entre os que se deparam com a experiência religiosa na clínica psicológica a abordagem que utilizam para analisá-la é a Psicanálise em 23% das vezes que foi trazido o tema da experiência com o sagrado.

3-ANÁLISE DA AMOSTRA DOS QUE CONHECEM A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO

3.1-Quanto a tempo de formação

TEMPO DE FORMAÇÃO	N=(11)	%
Até 5 anos	3	27
6-10 anos	6	55
11-20 anos	1	0,9
<20 anos	1	0,9

3.2- Quanto ao conhecimento adquirido da psicologia da religião

	N=(11)	%	N=(11)	%
Conheceu PR na graduação	4	36	7	63
Conheceu PR na pós-graduação?	5	45	4	36

* 2 psicólogos não fizeram pós- graduação

3.3- Quanto à abordagem teórica dos que conhecem a psicologia da religião

ABORDAGEM TEÓRICA	N=(11)	%
Psicanálise	1	0,9
Comportamentais	3	27
Junguianos	4	36
Humanistas	0	0
Outras	3	27

Dentro da amostra total dos entrevistados, apenas 37% afirmam conhecer a psicologia da religião, dentro desse grupo de profissionais 81,8% tem até 10 anos de formação, sendo que 36,3% tem abordagem predominantemente Junguiana, seguidos dos Comportamentais-Cognitivistas com 27,2% da amostra.

Destes apenas 63% não tiveram tais estudos na graduação, 20% destes psicólogos não fizeram pós-graduação. Dos 80% que esteve na pós-graduação, somente 45% da amostra tiveram estudos da psicologia da religião, ao investigar se nesta amostra o psicólogo se deparou com algum paciente que relata alguma experiência do sagrado que demandasse uma análise psicológica na prática clínica, ao todo 91% dos psicólogos que conhecem a psicologia da religião tiveram essa experiência.

Sendo assim o grupo da amostragem que conhecem a psicologia da religião e os seus teóricos clássicos é formado basicamente por recém formados, de abordagem Junguiana ou Comportamental, sendo que a maioria com 63% não psicologia da religião na

graduação, contudo foram buscar o estudos específicos dessa área na pós-graduação, e que tiveram em sua prática clínica pacientes com experiências com o sagrado.

4-ANÁLISE DA AMOSTRA DOS QUE NÃO CONHECEM A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO

4.1- Quanto ao tempo de formação

TEMPO DE FORMAÇÃO	N= (19)	%
Até 5 anos	13	68
6-10 anos	3	15
11-20 anos	2	10,5
<20 anos	1	5,5

4.2- Quanto à abordagem teórica

ABORDAGEM TEÓRICA	N=(19)	%
Psicanálise	10	52
Comportamentais	6	31
Junguianos	0	0
Humanistas	1	5
Outras	2	10

4.3- Categorias de análise dos que não conhecem a psicologia da religião

	N=(30)	(%)
Não conhece os clássicos da psicologia da religião	19	68
Estudou o manejo da experiência religiosa na graduação	1	5,2
Não estudou o manejo da experiência religiosa na graduação	18	94,8
Fizeram especialização	16	84
Estudou o manejo da experiência religiosa na pós-graduação ou especialização	2	12,5
Não estudou manejo da experiência religiosa na pós-graduação ou especialização	14	87,5
Considera a religião tema importante à ser considerado na terapia	29	94

Entre os que não conhecem a psicologia da religião temos a maioria com 68%, ao todo dos que tem até 10 anos de formação a maioria com 83% não conhecem a psicologia da religião.

Destes que não conhecem a psicologia da religião, 94,8% não tiveram a psicologia da religião na graduação e 87,5% não tiveram também na pós- graduação. Quanto à abordagem destes que não conhecem a psicologia da religião 52,6% são Psicanalistas e 31,5% são comportamentais- cognitivistas.

A maioria dessa amostra é predominantemente jovem, feminina, com tempo de formação de até 10 anos, sendo que 84% fizeram especialização, destes apenas 12% estudou o manejo da experiência religiosa na pós-graduação.Vale ressaltar que nessa amostra dos que não conhecem a psicologia da religião, 94% consideram a religião tema importante, sendo que isso pode apontar que a necessidade da prática clínica leva o profissional à buscar esse conhecimento por conta própria.

5-Tempo de exercício e as categorias de análise

Tempo de exercício	Até 5 anos N=16		6-10 anos N=9		11-20 anos N=3		< de 20 N=2	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Conhece os clássicos da PR	18%	18%	55%	44%	33%	66%	50%	50%
Estudou manejo da experiência religiosa na formação	18%	18%	11%	88%	0	3%	0	10 %
Fez especialização	75%	25%	77%	22%	66%	0	100	0
Estudou manejo da experiência religiosa na formação	25%	75%	42%	57%	33%	66%	0	100%
Considera religião tema importante	94%	6%	100%	0	100%	0	100 %	0

5.1-Quanto ao tempo de exercício até 5 anos

N=16	N	%	AV	%	MV	%	F	%
O psicólogo já se defrontou em sua prática clínica com a experiência do sagrado trazida pelo paciente?	4	25	10	62	1	6	1	6

N= não; AV= às vezes; MV= muitas vezes; F= Frequentemente

5.2- Quanto ao tempo de exercício de 6-10 anos

N=9	N	%	AV	%	MV	%	F	%
O psicólogo já se defrontou em sua prática clínica com a experiência do sagrado trazida pelo paciente?	1	11	4	44	2	22	2	22

N= não; AV= às vezes; MV= muitas vezes; F= Frequentemente

5.3-Quanto ao tempo de exercício de 11-20 anos

N=3	N	%	AV	%	MV	%	F	%
O psicólogo já se defrontou com a experiência do sagrado trazida pelo paciente?	2	6	0	1	33	3	0	

N= não; AV= às vezes; MV= muitas vezes; F= Frequentemente

5.4-Quanto ao tempo de exercício de mais de 20 anos

N=2	N	%	V	%	MV	%	F	%
O psicólogo já se defrontou com a experiência do sagrado trazida pelo paciente?	0	0	2	100	0	0	0	0

N= não; AV= às vezes; MV= muitas vezes; F= Frequentemente

A amostra total dos participantes foi dividida quanto ao tempo de exercício da clínica psicológica. Dentre as categorias foram selecionados os que exercem a clínica psicológica até 5 anos, de 6-10 anos, de 11-20 anos e mais de 20 anos.

Dentre os que exercem a clínica psicológica até 5 anos há uma representação de 53% da amostra total, ou seja a maioria dos pesquisados estão dentro dessa categoria quanto ao tempo de exercício.

Dentro destes 53% que exercem a profissão de psicólogo na clínica psicológica com até 5 anos, somente 18% conhecem os clássicos da psicologia da religião enquanto 81% afirmam não conhecer os clássicos da psicologia da religião. Nessa mesma amostra também 94% consideram a religião um tema importante a ser considerado na terapia e apenas 6% não considera a religião um tema importante na terapia.

Entre os profissionais que afirmam que os seus pacientes já trouxeram a experiência com o sagrado para a terapia temos uma amostra mais representativa entre os que estão com até 5 anos de exercício da clínica, pois nesse grupo 62% informaram que algumas vezes já trouxeram a experiência com o sagrado 25 % não trouxeram este tema.

Quanto à abordagem teórica dos que exercem até 5 anos de tempo de exercício amostra foi mais representativa entre os Psicanalistas com 51%, seguidos dos

Comportamentais-Cognitivistas com 41%, Junguianos com 1% e Humanistas com 1% e Outras teorias com 3%.

Na amostra levantada dos profissionais com tempo de exercício de 6 a 10 anos a amostra é representada por 30% do total dos participantes.

Entre estes 55% afirmaram conhecer os clássicos da psicologia da religião e 44% não conhecem os clássicos da psicologia da religião. Dentre os que estudaram o manejo da experiência religiosa na formação apenas 11% afirmaram terem estudado na formação em contrapartida a 88% que alegam não ter estudado o manejo da experiência religiosa na formação. Ainda nessa amostra de 6-10 anos de tempo de exercício 77% cursaram especialização e 22% não cursaram especialização.

Entre os que cursaram especialização 57% afirmam ter estudado o manejo da experiência religiosa na especialização e 42% não estudaram o manejo da experiência religiosa na especialização.

Quanto à observação na prática da clínica psicológica se o paciente trouxe a experiência com o sagrado na clínica 44% afirmam que muitas vezes o paciente trouxe tal experiência, seguidos de 22% muitas vezes, 22% frequentemente e 11% nunca trouxeram tal experiência.

Quanto a abordagem teórica de atuação dos profissionais desta amostra com tempo de exercício de 6-10 anos de clínica psicológica, apresentaram Psicanalistas e Junguianos ambos com 33% cada, Comportamental-cognitivo com 22% e outras com 11%.

Entre os profissionais com 11-20 anos de exercício da clínica psicológica a amostra total foi representada apenas por 10%.

Dentre estes apenas 22% afirmam conhecer os clássicos da psicologia da religião, em contrapartida 66% não conhecem os clássicos da psicologia da religião. Na categoria dos que estudaram o manejo da experiência religiosa na formação 100% da amostra não estudou o manejo na formação, nessa amostra todos fizeram especialização, no entanto apenas 33% estudaram o manejo da experiência religiosa na especialização em contrapartida à 66% que não estudaram na especialização.

Ainda entre estes que exercem de 11-20 anos na clínica psicológica 100% consideram a religião um tema importante, sendo que 66% afirmam nunca em sua prática o paciente trouxe a experiência com o sagrado, em contrapartida aos 33% que afirmam

muitas vezes os pacientes terem trazido tal experiência. Quanto à abordagem teórica destes profissionais a maioria com 66% afirmam se utilizam de “OUTRA” abordagem, seguidos de 33% Comportamental-Cognitivo.

Na amostra dos profissionais com mais de 20 anos de exercício da clínica psicológica representam apenas 6% da amostra total. Destes 50% afirmam conhecer os clássicos da psicologia da religião e 50% não conhecem os clássicos da psicologia da religião. Entre estes nenhum estudou o manejo da experiência religiosa na formação e todos fizeram especialização, no entanto nenhum estudou o manejo da experiência religiosa na especialização. Quanto se os pacientes trouxeram a experiência com o sagrado para a psicoterapia, 100% da amostra afirmam que algumas vezes o paciente trouxe, sendo que a abordagem teórica desses profissionais são representados em 50% por Psicanalistas e 50% informam outras teorias.

Sendo assim, essa amostra na categoria tempo de exercício nos demonstra que o grupo que mais conhece os clássicos da psicologia da religião são os que estão entre os 6-10 anos de exercício da profissão.

No grupo que menos conhece os clássicos quanto ao tempo de exercício da profissão estão entre os que exercem de 5-10 anos de formação.

Os motivos os quais o podem-se inferir no grupo que mais conhece mais os clássicos da psicologia da religião coincidem com o fato que estes em sua maioria estudaram o manejo da experiência religiosa na especialização, em contrapartida no grupo que se formou de 5-10 anos, esses não estudaram o manejo da experiência religiosa na especialização.

Diante de tal dado, é possível presumir que a especialização forneça mais espaço em sua grade curricular e conteúdo programático, ou que até mesmo o corpo discente da pós-graduação composto com profissionais mais maduros e atuantes já na clínica psicológica, encontrem lá maior possibilidade de discussão dos aspectos religiosos já vivenciados seja em grupos de pesquisa, simpósios e congressos.

Análise dos resultados

O Capítulo anterior trouxe de forma detalhada os dados coletados do instrumento de pesquisa o questionário geral. Devido ao grande número de tabelas, optou-se por selecionar aquelas que contemplavam o objetivo da pesquisa.

É importante ressaltar que esse trabalho trouxe uma amostra pequena, que contemplou os aspectos que conduziram a pesquisa, que em função disso trará contribuições a respeito do estudo da psicologia da religião pelos psicólogos, contudo sem a pretensão de trazer conclusões gerais acerca do conhecimento ou da falta do conhecimento da psicologia da religião por parte dos psicólogos.

O primeiro dado que chamou a atenção da pesquisadora, não se apresentou no contexto da coleta de dados da aplicação do instrumento, mas depois que o instrumento foi aplicado, alguns que tinham proximidade à pesquisadora comentaram que não tinham nenhuma noção do que se tratava o tema psicologia da religião, nem sequer imaginava que existia uma “psicologia da religião”. Na “ocasião da entrega dos instrumentos de pesquisa alguns participantes se mostraram interessados” em conhecer mais sobre o tema que nunca lhe tinha chegado ao conhecimento essa “tal área” da psicologia, alguns pediram para conhecer a pesquisa depois que estivesse finalizada.

Como já foi dito anteriormente no item justificativa da pesquisa, como aluna de graduação, a pesquisadora percebeu a carência de estudos para psicólogos em formação na área de espiritualidade, religiosidade, sendo que tais aspectos podem ser encontrados nos estudos dos teóricos clássicos da psicologia da religião. De fato esses aspectos percebidos pela pesquisadora não foram contabilizados, nem apresentados estatisticamente, contudo, ressalta que os dados que fundamentou a pesquisa, puderam ser observados até mesmo antes de se analisar os resultados da pesquisa.

Em relação aos dados colhidos dos instrumentos de pesquisa, o primeiro aspecto que chamou a atenção foi entre o grupo dos que dizem conhecer a psicologia da religião que totalizam somente 37%, sendo que tal conhecimento só foi alcançado na pós-graduação, entre o grupo com até 10 anos de formação.

Cabe aqui analisar trazendo a percepção da pesquisadora, que os estudos da psicologia da religião entre aqueles que dizem conhecer a psicologia da religião, não foram de fato em sua maioria na graduação, assim entendemos que a busca por esse conhecimento se expressou pela necessidade individual do profissional que na prática clínica, percebeu que a especialização poderia contribuir à prática clínica desses psicólogos. Outro aspecto relevante nesse mesmo grupo é que o interesse maior quanto ao tempo de exercício foi maior no grupo com até 10 anos de formação. Pode-se inferir aqui, com a correlação dos dados entre os que conhecem a psicologia da religião e o tempo de

exercício, os profissionais com menos tempo de formação são os que mais conhecem a psicologia da religião, estes têm se interessado pelo tema procurando especialização. Em função disso, esse grupo de profissionais com menos tempo de formação, que foram buscar o conhecimento da psicologia da religião, tornam-se mais predispostos à escuta clínica e as demandas relacionadas à espiritualidade ou religiosidade dos seus pacientes. Em função disso, esses profissionais ao entrarem em contato com a psicologia da religião, somando-se às vivências experienciais na clínica, buscaram a complementação desse conhecimento em artigos científicos, livros e congressos que contemplam esse tema.

A partir desses levantamentos, cabe-nos analisar que entre o grupo com maior tempo de formação de 11-20 anos, ou mais que 20 anos a prática clínica trouxe pouca experiência com o sagrado, o que de certo modo se relaciona à baixa procura por aspectos da psicologia da religião na especialização. De outro modo, cabe analisar que o próprio desconhecimento da psicologia da religião, pode fazer que os profissionais não sejam tão predispostos ao acolhimento desses aspectos na clínica psicológica. Contudo os dados da pesquisa ressaltam que nesses grupos com mais anos de formação, mesmo não conhecendo a psicologia da religião, em 100% do grupo todos consideram a religião um tema importante a ser considerado na psicoterapia.

Contudo, é importante salientar que esses dados dos 94% que consideram a religião um tema importante a ser considerado na psicoterapia, aparece entre os que conhecem a psicologia da religião e entre os que não conhecem a psicologia da religião.

Considerações Finais

De forma a relacionar e discutir os dados coletados até aqui, torna-se importante retomar os objetivos levantados no início dessa pesquisa.

A pesquisa intitulada “O lugar do sagrado na clínica psicológica”, teve como objetivo geral conhecer o manejo do psicólogo nas questões da experiência religiosa de seus pacientes na clínica psicológica.

Como objetivos específicos, três pontos foram colocados:

- Investigar o status da Psicologia Social da Religião e suas contribuições para a clínica psicológica
- Identificar como as Teorias da Personalidade Psicodinâmicas, Comportamental-Cognitiva e Neuropsicológica, compreendem as questões religiosas na clínica psicológica.
- Investigar como as práticas e crenças religiosas dos pacientes são analisadas e trabalhadas pelos psicólogos contemporâneos, e qual a influência delas ao processo terapêutico. Pode-se considerar que os objetivos foram alcançados, na pesquisa foi possível levantar se os psicólogos clínicos conheciam a psicologia da religião, concluindo-se que a maioria dos entrevistados não conhecia, tal desconhecimento se deu desde a graduação que não contemplava os aspectos religiosos na grade curricular.

Entre os psicólogos que afirmaram conhecer a psicologia da religião, estes procuraram conhecer em sua maioria, nos cursos de especialização e pós-graduação que abordavam as questões religiosas dos pacientes em seu conteúdo.

A hipótese levantada pela pesquisadora que os caminhos metodológicos para a compreensão do lugar do sagrado não são investigados pelos psicólogos em formação, foram corroboradas nessa pesquisa.

Dessa forma a hipóteses 1, 2 e 3 se relacionam com a 4.

Hipótese 1: A Psicologia da Religião ao estudar os fenômenos religiosos que são constituídos por crenças, práticas e culturas oferecem uma visão interdisciplinar construindo pontes que possibilitam a compreensão de tal fenômeno através das várias abordagens da psicologia.

Hipótese 2: A apropriação da linguagem das diferentes abordagens da Psicologia pelo psicólogo, podem contribuir para compreensão da dimensão psíquica que envolve o campo religioso.

Hipótese 3: É possível que todas as abordagens da Psicologia ofereçam em sua linguagem uma escuta para o lugar do sagrado e o conhecimento e a valorização de tais crenças podem colaborar para uma maior aderência à psicoterapia e melhores resultados das intervenções.

Hipótese 4: O psicólogo em formação ou em atuação ao se apropriar dos conceitos da Psicologia da Religião, poderá desenvolver habilidades no manejo clínico com profissionalismo ético que corresponde a normativa do conceito de saúde integral.

Diante das hipóteses inicialmente levantadas, é possível analisar que a hipótese 4 se mostrou estritamente relacionada à necessidade comprovada na prática clínica, as quais impulsionaram os psicólogos clínicos na busca pelo conhecimento da psicologia da religião em cursos especialização e pós-graduação.

Estes profissionais em função de compreenderem que as hipóteses 1, 2 e 3 se relacionam, que a experiência religiosa faz parte da realidade psíquica, coadunam com essa reflexão com base no autor Mello Franco (2004) que toda experiência religiosa, é basicamente, uma experiência do inconsciente, isso posto oferece razões para se instrumentar para uma melhor abordagem da experiência religiosa.

Sugere-se em futuras pesquisas que uma vez reconhecido o lugar do sagrado na clínica contemporânea, reconhecida a fé como fenômeno universal de importância, investigue-se entre os profissionais que ofereceram modelos aos seus pacientes de compreensão do sagrado, de que forma tal modelo colabora no processo psicoterapêutico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALLETTI, M. A figura da ilusão na literatura psicanalítica da religião. *Psicologia USP*, 15 (1), 163-190, 2004.

AVILA, A. *Para conhecer a Psicologia da Religião*. São Paulo: Loyola, 2007.

AMATUZZI, M. *Religião e sentido de vida: um estudo teórico*. Temas em Psicologia da SBP, São Paulo, v.7, n.2, p. 183-190, 1999.

_____. Uma aproximação fenomenológica à experiência religiosa. In: ARCURI, I.G; ANCONA-LOPEZ, M. (org.) *Temas em Psicologia da Religião*. 1º Ed, São Paulo, Vetor, 2007.

ANCONA-LOPEZ, M. *Experiência religiosa na clínica psicológica*. In: MASSIMI, M;

_____. As crenças pessoais e os psicólogos clínicos: orientações de dissertações e teses em psicologia da religião. In: ARCURI, I.G; ANCONA-LOPES, M. *Temas em Psicologia da Religião*. São Paulo, Vetor, 2007.

_____. A espiritualidade e os psicólogos. In: AMATUZZI, M.M. (Org.). *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005, p.147-159.

BEZERRA, Jr., B. (1987). *Considerações sobre terapêuticas ambulatoriais em Saúde Mental*. Em S. A. Tundis e N. R. Costa (Orgs.) *Cidadania e Loucura*. Petrópolis: Vozes/Abrasco.

BERGER, Peter. *Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995.

BAUMANT, Zigmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BION, W.R. *Bion's Brazilian lectures 1*. Conferências Brasileiras 1, Rio de Janeiro, Imago, 1973.

BION, W.R. *Bion's Brazilian lectures 3*. In: *Conversando com Bion*, Rio de Janeiro, Imago, 1992.

BRITO, Ênio. *Espiritualidade e religiosidade: Articulações*. Revista de Estudos da Religião. São Paulo, 2009, PP.68-83.

- BRUSCAGIN, C. et al.(2008). *Religiosidade e Psicoterapia*. São Paulo: Editora Roca.
- DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa. O sistema totêmico na Austrália*. Trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- DURKHEIM, E. *A divisão do trabalho social*. 2º ed. Lisboa: Presença, 1984.
- DAMÁSIO. A. *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- FILORAMO, G & PRANDI, C. *As ciências das religiões*: São Paulo: Paulinas, 2006.
- FORGHIERI, Y.C. *Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa*. São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2004.
- GIOVANETTI, J. P. *Psicologia e sendo religioso: a necessidade e o desejo*. Modalidade da época. In: PAIVA, J.G. *Entre necessidade e desejo*. São Paulo, Edições, Loyola, 2001.
- GIOVANETTI, José Paulo 2004 “O Sagrado na psicoterapia”. In ANGERAMICAMON, Valdemar Augusto (org.) *Vanguarda em Psicoterapia Fenomenológico-Existencial*. São Paulo: Pioneira, 1-26.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo:Ed.Universidade Estadual Paulista,1991.
- GOMES, A (Org.). *Religião e Psique Psicologia Social*: São Paulo: Editora Reflexão.2012.
- IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.
- CENSO 2010: NÚMERO DE CATÓLICOS CAI E AUMENTA O DE EVANGÉLICOS, ESPÍRITAS E SEM RELIGIÃO. DISPONÍVEL EM <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2170>
- Acesso em: 11 Jun 2013
- JAMES, W. *The varieties of religious experience*. Cambridge: Harvard University Press, 1985.
- JOHNSON, P. E. (1964). *Psicologia da Religião*. São Paulo. ASTE.
- JUNG, G. (1987). *Psicologia e religião*. 6.ed.Petrópolis: Vozes.

LOPES, M.A. *Espiritualidade e os psicólogos*. In:AMATUZZI.M.M.(org.) *Psicologia e Espiritualidade*. São Paulo: Paulus,2005, pp.147-159.

MAHFOUD, M. (org.) *Diante do mistério: psicologia e senso religioso*. São Paulo, Edições Loyola, 1999.

MARX, Karl. *Contribuição a crítica da economia política*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MASSIMI, M. MAHFOUD, M.(Org.) *Diante do Mistério-Psicologia e Senso Religioso*: São Paulo: Loyola,1999.

MÁSPOLI, A. A. *Religião como linguagem simbólica: aproximações entre Durkheim e Jung*. In: *Ciências da Religião-História e Sociedade*.São Paulo,Ano3,n.3,2005,p.217-239.

PAIVA, G. J. (Org.). *Entre necessidade e desejo- diálogos da psicologia com a religião*: São Paulo, Loyola, 2001.

PAIVA, G, J. (Org.). *A representação na religião: perspectivas psicológicas*: São Paulo, Loyola, 2004.

_____. *Estudos Psicológicos da experiência religiosa*. In: TEMAS EM PSICOLOGIA, São Paulo, v.6, n.2, p.153-160, 1998.

_____. *Ciência, religião, psicologia: Conhecimento e comportamento*. IN: REFLEXÃO E CRÍTICA, São Paulo, p.561-567, 2002.

_____. *Algumas relações entre psicologia e religião*. In:PSICOLOGIA-USP, São Paulo: p.25-33, 1990.

_____(Org.).*Psicologia da Religião no Brasil: A produção em periódicos e livros.Psicologia: Teoria e Pesquisa*,São Paulo,v.25,No 3,p.441-446, 2008.

PALMER, M.(2001). *Freud e Jung: Sobre a religião*. São Paulo: Edições Loyola.

PERES, J F P; SIMÃO, M, J.P & NASELLO, A.G.*Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia*”. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, V.34,No 1:136-145, 2007.

REIS, JRT. *Psicoterapia na rede pública de saúde. Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, ago. 1994

RIZZUTO, A.M. (2001) *Por que Freud rejeitou Deus? Uma interpretação psicodinâmica*. São Paulo, Edições Loyola.

RODRIGUES, C.C.L. Católicas e Femininas: identidade religiosa e sexualidade de mulheres católicas modernas. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, No 2: 36-55,2003.

_____.Psicologia da Religião na Investigação Científica da Atualidade:*Ciências da Religião-História e Sociedade*,São Paulo v.6,n,2,p.36-71,2008.

SAFRA, G.(2009) *A face estética do self: Teoria e clínica*. São Paulo: Idéias & Letras editora.

_____. (2009) *Adoecer e curar segundo as grandes religiões*. São Paulo: Edições Sobornost.

_____. (2005) *Hermenêutica na situação clínica:o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*.São Paulo: Edições Sobornost.

USARK, F.(Org). *O espectro disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

VERGOTE, A. *Reflexões*. In: PAIVA ,G.J. (Org). Entre necessidade e desejo: diálogos da psicologia com a religião.São Paulo:Loyola, 9-24,2001.

VALLE, E. Neurociências e religião: interfaces. *Rever Revista Eletrônica de Estudos da Religião*, São Paulo, n.3, 2001.

_____. Ilusão e desejo: chaves para a compreensão do dilema ateísmo-devoção. In: PAIVA, G. J.; ZANGARI, W. (Orgs.). *A Representação na Religião: Perspectivas Psicológicas*. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. *Psicologia e experiência religiosa*. São Paulo: Loyola, 1998.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 12. Ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

WINNICOTT D.W. (1963). *Moral e educação*. In: Winnicott, D. W. (1983) *Ambiente e processo de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre, Artes Médicas Ed.

WINNICOTT, D.W. (1971). Objetos e fenômenos transicionais. In: Winnicott, D.W. (1975) *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago Ed.

WINNICOTT, D. W. (1988). *Natureza Humana*. Rio de Janeiro, Imago Ed.

Acessado

em

29.03.13

OMS

http://www.who.int/whr/2001/en/whr01_djmessage_po.pdf

ANEXO 1- Roteiro de questionário geral

1- **Nome** (iniciais) _____

2-Idade

Entre 23-30 anos () 31-40 anos () 41-50 () acima de 51()

3- Tempo de exercício da psicologia clinica

Até 5 anos () de 6-10 anos () 11-20 () acima de 20 anos ()

4- Abordagem teórica

Psicanalítica () Junguiana () Comportamental- Cognitiva () Fenomenológica ()

5- Você conhece os estudos dos teóricos clássicos da psicologia da religião?

Sim () Não ()

5- Formação acadêmica

Em sua formação acadêmica você estudou sistematicamente (em disciplinas oficiais ou obrigatórias) como manejar a experiência religiosa trazida pelo paciente enquanto experiência psicológica, social e inter-relacional determinante em sua vida?

Sim () Não ()

6- Formação de especialização

Em sua formação de especialização de abordagem você estudou sistematicamente (em disciplinas oficiais ou obrigatórias) como manejar a experiência religiosa trazida pelo paciente enquanto experiência psicológica, social e inter-relacional determinante em sua vida?

Sim () Não ()

7- Perspectiva teórica

Qual a perspectiva teórica de abordagem da experiência religiosa você utiliza?

8- Experiência religiosa do paciente

Na sua pratica clinica, a experiência religiosa do paciente já foi trazida como objeto de análise?

Nunca () Algumas vezes () Muitas vezes () Frequentemente ()

9-Diante do relato da experiência religiosa do paciente enquanto experiência psicológica que produz impacto em sua vida real e sua escolha e relacionamentos, como você procede teórica e metodologicamente?

10- Como você lida com o relato de experiência religiosa de seu paciente e a partir de qual referencial ou autor, abordagem você intervém?

Anexo 2: Termo de Consentimento Livre e Informado

Declaro concordar em participar como sujeito de pesquisa da dissertação de mestrado intitulada “*O lugar do sagrado na prática da psicoterapia*” orientada pela Prof. Dr. Antônio Máspoli de Araújo Gomes e desenvolvida pela Mestranda Priscilla Andrade da Silva Camilo matriculada no programa em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, que tem como objetivo analisar o conceito do sagrado no pensamento dos clássicos e dos contemporâneos da psicologia e o lugar do sagrado na prática da psicoterapia. Declaro estar ciente de que, na qualidade de sujeito de pesquisa, meu nome civil será mantido em sigilo. Para a publicação dos resultados da pesquisa, estou ciente de que o conteúdo da entrevista por mim concedida aos pesquisadores (as) para a coleta de dados poderá ser publicado sem, contudo, ser dada a conhecer minha real identidade. Nesse caso, o material deverá ser identificado apenas por meio de um código estabelecido pelos (as) pesquisadores (as).

Declaro estar ciente de que estou livre para deixar de participar na pesquisa no momento em que desejar, sem sofrer qualquer prejuízo em decorrência desse ato.

Declaro ainda estar ciente de que não há qualquer ônus ou compensação financeira pela participação como sujeito da referida pesquisa.

Nome completo (legível) do (a) participante: _____

RG: _____ **Telefone para contato:** _____

E-mail: _____

Assinatura do (a) participante: _____

Data: ____ / ____ / ____

Termo de Consentimento Informado

Declaro concordar em participar como sujeito de pesquisa da dissertação de mestrado da aluna Priscilla Andrade da Silva Camilo orientada pela Prof. Dr. Antônio Máspoli de Araújo Gomes da Universidade Presbiteriana Mackenzie, que tem como objetivo que tem como objetivo analisar o conceito do sagrado no pensamento dos clássicos e dos contemporâneos da Psicologia e o lugar do sagrado na prática da psicoterapia.

Declaro estar ciente de que, na qualidade de sujeito de pesquisa, meu nome civil será mantido em sigilo. Para a publicação dos resultados da pesquisa, estou ciente de que o conteúdo da entrevista por mim concedida a pesquisadora para a coleta de dados poderá ser publicado sem, contudo, ser dada a conhecer minha real identidade. Nesse caso, o material deverá ser identificado apenas por meio de um código estabelecido pelos (as) pesquisadores (as).

Declaro estar ciente de que estou livre para deixar de participar na pesquisa no momento em que desejar, sem sofrer qualquer prejuízo em decorrência desse ato.

Declaro ainda estar ciente de que não há qualquer ônus ou compensação financeira pela participação como sujeito da referida pesquisa.

Nome completo (legível) do (a) participante: _____

RG: _____ **Telefone para contato:** _____

E-mail: _____

Assinatura do (a) participante: _____

Data: ____ / ____ / ____
